



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS II  
CURSO LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**JÉSSICA DARA BISPO DOS SANTOS**

**“ORNAMENTOS DA SOCIEDADE”:  
As visualidades da elite baiana no mensário ilustrado *Unica* (1929)**

**ALAGOINHAS - BA  
2024**

**JÉSSICA DARA BISPO DOS SANTOS**

**“ORNAMENTOS DA SOCIEDADE”:  
As visualidades da elite baiana no mensário ilustrado *Unica* (1929)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do curso de Licenciatura em História do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia/Campus II, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura Plena em História.

Orientadora: Profa. Dra. Marilécia Oliveira Santos.

ALAGOINHAS – BA

2024

**“ORNAMENTOS DA SOCIEDADE”:  
As visualidades da elite baiana no mensário ilustrado *Unica* (1929)**

**Ficha Catalográfica**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Marilécia Oliveira Santos - Orientadora  
Universidade do Estado da Bahia, UNEB

---

Profa. Dra. Leonice de Lima Mançur Lins - Examinadora  
Universidade do Estado da Bahia, UNEB

---

Prof. Dr. Otavio Erbereli Junior - Examinador  
Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Data de aprovação

Alagoinhas, 19 de Dezembro de 2024.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, pela oportunidade da vida e por seu cuidado evidente durante os meus anos formativos. Obrigada por orquestrar os encontros necessários nesta jornada.

À minha família, por sua presença e amparo em dias difíceis. À minha mãe, Simone Santos, minha inspiração como educadora, seu amor e compreensão foram essenciais para a minha construção profissional. Ao meu pai, Paulo Roberto, por sempre acreditar que eu poderia ir além dos limites que impus a mim mesma. Às minhas irmãs, Michelle Kristine e Émile Vitória, por jamais soltarem a minha mão e se tornarem o meu suporte emocional diante dos obstáculos que se apresentaram.

Agradeço à Profa. Dra. Marilécia Oliveira Santos, pelo incentivo incomparável, orientações, diálogos e trocas que me motivaram a permanecer trilhando a jornada da escrita histórica. Obrigada pela serenidade e paciência transmitidas ao longo do processo.

Aos meus amigos, Juciele Santos, Andrielly Silva e Wendel Miranda. Obrigada pelo carinho, assistência e por serem as melhores companhias, não somente no processo de formação, mas em diversas outras vivências compartilhadas. Com vocês, tudo se tornou mais leve.

Agradeço ao corpo de professores do curso de Licenciatura em História, em especial à Profa. Dra. Leonice de Lima Mançur Lins, seu entusiasmo e amor à docência me impulsionam, sou grata por sua importante contribuição para o meu desenvolvimento como docente. Aos professores que cooperaram para a elaboração do conhecimento, em diversas áreas do campo, cada um com sua relevância e singularidade em meu processo formativo, obrigada!

Agradeço à Universidade do Estado da Bahia, e toda comunidade acadêmica por oportunizar e manter um serviço público educacional de qualidade.

A alguém que muito amei, meu avô, José Bispo, saudades.

*Seria mil vezes uma pena se as mulheres escrevessem como os homens, ou vivessem como eles, ou se parecessem com eles, pois se dois sexos é bastante inadequado, considerando a vastidão e a variedade do mundo, como faríamos com apenas um?*

*- Virgínia Woolf*

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar as representações dos modelos de gênero na configuração da elite baiana, por meio das fontes imagéticas contidas nas primeiras edições da revista ilustrada *Unica* (1929). Durante o século XIX, construiu-se convenções de gênero baseadas no sexo, pelos quais limitava os modos/papéis femininos ao ambiente doméstico. O homem, em contrapartida, foi notabilizado em seu caráter racional, a quem foram designados os espaços públicos, os direitos políticos e conquistas econômicas. Nos anos iniciais do século XX, essas estruturas sociais foram utilizadas para apresentar a nova elite soteropolitana e alagoinhense, formada pela mulher moderna, que ampliava seus espaços de ocupação, embora com ressalvas aplicadas pelo público masculino, à nova mulher cabiam os espaços de consumo e a educação, enquanto o homem moderno mantinha sua característica “nata” de assumir as funções utilitárias e dirigentes. A imprensa ilustrada do período utilizada enquanto espaço de organização, “venda de imagem”, construtora de modos, modas, hierarquias e representações, foi uma ferramenta de propaganda desses grupos para a exibição de suas famílias: em uniformidade com os ideais instituídos pela modernização e “progresso” adotados com o advento da República, e inspirados pelos ditames do cinema *hollywoodiano*. Assim, nos propomos a analisar, através dos materiais iconográficos contidos no magazine, os papéis de gênero ali expressos.

Palavras-chave: Revista *Unica*. Gênero. Alagoinhas. Fotografia.

## ABSTRACT

This study aimed to analyze the representations of gender models in the configuration of the Bahian elite, through the image sources contained in the first editions of the illustrated magazine *Unica* (1929). During the 19th century, gender conventions based on sex were constructed, which limited women's ways/roles to the domestic environment. Men, on the other hand, were noted for their rational character, to whom public spaces, political rights and economic achievements were assigned. In the early years of the 20th century, these social structures were used to present the new elite of Salvador and Alagoinhas, formed by modern women, who expanded their spaces of occupation, although with reservations applied by the male public. The new woman was responsible for consumer spaces and education, while the modern man maintained his “innate” characteristic of assuming utilitarian and leadership functions. The illustrated press of the period, used as a space for organization, “selling images”, constructing modes, fashions, hierarchies and representations, was a propaganda tool for these groups to display their families: in uniformity with the ideals established by modernization and “progress” adopted with the advent of the Republic, and inspired by the dictates of Hollywood cinema. Thus, we propose to analyze, through the iconographic materials contained in the magazine, the gender roles expressed therein.

Keywords: *Revista Unica*; Gender; Alagoinhas; Photography.

## **LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS**

Associao Bahiana de Imprensa – **ABI**

Associao Bahiana de Cronistas Desportivos – **ABCD**

Associao Bahiana de Cronistas Carnavalescos – **ABCC**

Partido de Representao Popular – **PRP**

Coronel – **Cel.**

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – As patrícias da <i>Unica</i> _____	38
Figura 02 – A alma das ruas_____	43
Figura 03 – A mulher da “alta-roda” alagoinhense_____	55
Figura 04 – O homem da “alta-roda” alagoinhense_____	56
Figura 05 – As crianças da “alta-roda” alagoinhense_____	60

## SUMÁRIO

Introdução	10
1 – A “SOCIEDADE ELEGANTE” EM EVIDÊNCIA: UMA REFLEXÃO SOBRE GÊNERO E REPRESENTAÇÕES	17
1.1 Fragmentos do imaginário coletivo no mensário ilustrado: uma discussão conceitual	17
1.2 A História das mulheres e das relações de gênero: breve panorama	22
2 – A “CULTURA BAIANA ” NAS PÁGINAS DA <i>UNICA</i>	29
2.1 “Mundanismos, Esportes, Cinema, Atualidades”: O ideário da alta-roda	29
2.2 “Um punhado de moças bonitas”: o arquétipo da beleza feminina baiana no magazine	36
2.3 “Só não lhes desejo casamento”: a ambiguidade da mulher moderna na <i>Unica</i>	45
3 – NATURALIZAÇÃO DO <i>STATUS QUO</i> : PERFIS DA ELITE ALAGOINHENSE	50
Considerações finais	62
Fontes	65
Referências Bibliográficas	6

## INTRODUÇÃO

Narrar aspectos sobre as representações de gênero em torno da elite baiana nas primeiras décadas do século XX pelo viés do imaginário construído e publicitado nas páginas da revista mensal ilustrada *Unica*, “vitrine” da modernização social e urbana de Salvador e das cidades circunvizinhas, que ditou conceitos, modas e normas, é contribuir com o debate e reconstituição de um fragmento da história cultural da Bahia. É também refletir sobre os estudos específicos que discutem aspectos da mentalidade feminina *versus* masculina, próprios da época, levando em consideração uma fonte pouco explorada, que detinha uma linha editorial denominada como moderna desde o seu surgimento, em julho de 1929.

Com o objetivo de compreender a complexa “venda de imagem” dos setores mais abastados da sociedade baiana – “Sociedade essa que foi se integrando paulatinamente ao regime republicano para partilhar ideais modernos e civilizatórios, mantendo traços patriarcais e nichos delimitados para a atuação de mulheres”<sup>1</sup>, este trabalho ocupa-se da análise iconográfica dos arquétipos do “belo sexo” em contraste com os moldes destinados ao gênero masculino contidos no magazine, ao utilizar como fonte as oito primeiras edições da *Unica*, publicadas no final da década de 1920, sendo uma delas extraordinária, em homenagem a inauguração da usina elétrica em Alagoinhas.

Mensário que exibiu/divulgou mulheres e homens das camadas mais privilegiadas da “alta-roda” social baiana priorizou temas como comportamentos, política, religião – apesar dos redatores mencionarem que o mote da revista teria sido constituído “sem olhar credos políticos e religiosos”, os dois últimos aspectos eram claramente definidos e hierarquizados nas páginas do periódico –, moda, esportes, literatura, artes que permitiu-nos uma análise histórico-cultural. Definimos, então, o período de estudo como a transição da ascendência da ideia da sociedade moderna em rompimento com algumas das convenções estruturais do século XIX, estimuladas, sobretudo pela realidade fantasiada promovida pelo cinema *Hollywoodiano*, “ditador” do ideário de beleza, e da imagem da “nova mulher”, agora mais envolvida com o consumo.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> CERAVOLO, Suely Moraes. EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS PARA AS “SENHORAS E SENHORITAS” DA SOCIEDADE BAIANA: o discurso performativo do Instituto Feminino da Bahia (1920 a 1968). **Anais eletrônicos**: V Congresso Sergipano de História e V Encontro Estadual de História da ANPUH/SE. 2016. Disponível em: [https://www.encontro2016.se.anpuh.org/resources/anais/53/1486583730\\_ARQUIVO\\_1472552711\\_ARQUIVO\\_CERAVOLOANPUHrevisto08.016k.pdf](https://www.encontro2016.se.anpuh.org/resources/anais/53/1486583730_ARQUIVO_1472552711_ARQUIVO_CERAVOLOANPUHrevisto08.016k.pdf). Acesso em: 20 de nov. de 2024.

<sup>2</sup> SERPA, Leoní Teresinha V. A máscara da modernidade: a mulher na revista O Cruzeiro (1928-1945). **Dissertação (mestrado) – Universidade de Passo Fundo**, 2003.

Perspectiva semelhante ao de demais impressos que circulavam no território brasileiro e baiano, as efervescências dos signos do ‘progresso’ e da ‘modernização’ estavam presentes nas folhas atrativas da *Unica*. A cada edição, aliado com o processo de urbanização regional em curso, diversos *clichês* que capturavam “os ornamentos da sociedade baiana” – de acordo com a revista –, construíam uma categorização social com o intuito de evidenciar que a Bahia estava inserida no arcabouço dos locais que vivenciavam a nova “norma mundial”. Com o advento da República, os grandes centros do país se valiam da imprensa para difundir a idealização da transição de um espaço agrário e considerado atrasado por suas elites, para o que aspiravam com aspecto moderno e higiênico. Dentro dessa lógica, o tecido das relações sociais e de gênero aparecem no periódico e buscamos, portanto, compreender tal mecanismo ao lançar o olhar sobre as designações indicadas às mulheres e aos homens em suas páginas.

A *Unica*, foi um veículo de comunicação intencionalmente criada para ser “porta-voz” da modernidade baiana. Surgiu para alcançar não somente os limites do estado, como os territórios brasileiros e internacionais e propagar a ideia da Bahia com cultura única e atual, numa correspondência de intenções entre Amado Coutinho, fundador do magazine e os setores comerciais e políticos locais, que mantinham financeiramente a circulação do periódico. A revista também contribuiu com a construção e divulgação da “nova família moderna”, que não representava a realidade da maioria da população que viviam experiências materialmente precárias. Isso significa que o periódico reproduzia padrões e percepções para manter a estrutura das relações entre as camadas sociais.

*Unica* propagava imagens relacionadas às alterações de um estado em conformidade com o ideário importado europeu e estadunidense, que “despia as suas mulheres das saias longas” e as urbanizava com biquínis, vestidos acima dos joelhos com cortes retos, batons rubros e *clochê*, ou seja, que almejava moldar as condutas femininas com maneiras novas de se vestir e de se mostrar para a sociedade, rompendo os limites do espaço doméstico. Entretanto, essa modernização feminina não rompia visões estruturais que naturalizavam os papéis entre os gêneros, ao aceitar apenas a condição da mulher na educação, como responsável pela criação dos filhos, como “enfeite”, agora subjugada aos ditames do consumo. Ao homem, no entanto, cabiam atividades como a intendência e o controle do comércio, das funções utilitárias e até mesmo da imagem feminina. O mensário operava a divulgação e redistribuição dos aspectos culturais que lhe convinha ou interessava.

Realizadas tais considerações, apresento os propósitos deste trabalho. O objetivo geral consiste em identificar as referências de gênero das camadas abastadas baianas, sobretudo através da fotografia e dos discursos construídos ao longo do ilustrado, em anos iniciais do

século XX. Já os objetivos específicos visam responder às seguintes questões: quais as características defendidas por *Unica* da elite no período? Como as funções e papéis de gênero se apresentavam nas edições analisadas em comparação com a publicação extraordinária direcionada à Alagoínhas? Quais eram as designações aceitáveis pelo editorial masculino do mensário ao universo feminino baiano? Como essas representações estavam relacionadas ao ideário de modernidade que envolviam a mentalidade nacional à época?

Ao longo da pesquisa, tentamos responder essas questões e outras que surgiram com a análise das fontes. Com isso, buscamos realizar reflexões em torno dos estudos da História cultural, das mentalidades e de gênero, partindo de análises das particularidades das cidades baianas: Salvador e Alagoínhas, ao passo que se apresentavam como parte do movimento progressista nacional e internacional. Para Sandra Pesavento, “trabalhar com cultura é estar atento às diferentes falas e formas de dizer a realidade, mas sem jamais perder a sua identidade: é do “lugar” da História que se colocam as questões e se formulam as perguntas dirigidas ao passado”.<sup>3</sup>

A escolha da fonte como objeto de análise se impôs por uma série de questões: a necessidade da compreensão das definições dos papéis direcionados aos gêneros, estruturadas ao longo da história, e que permanecem até hoje; o entendimento do caráter da imprensa como produto e produtora do seu tempo, o que transformou a *Unica* em fonte principal para a análise dos aspectos de identificação e construção de modelos culturais; a falta de pesquisas e informações sobre o periódico no espaço acadêmico; a precariedade de dados sobre as mulheres alagoínhas no período. Todos esses aspectos nos fizeram selecionar o recorte temporal e temático, buscando contribuir com os estudos sobre a cidade, seus moradores e as relações de gênero.

Os trabalhos publicados por Leoní Serpa<sup>4</sup> e Marivaldo Amaral<sup>5</sup> possibilitaram reflexões importantes em torno da utilização de revistas ilustradas como fonte de pesquisa. Serpa, em *A máscara da modernidade: a mulher na revista O Cruzeiro (1928-1945)*, realizou um estudo indicando como a modernidade e o Estado Novo influenciaram as representações simbólicas femininas, ao lançar o olhar sobre o magazine. Através de suas investigações, a autora buscou entender como o periódico criou um imaginário sobre o Brasil e as mulheres, promovendo um

---

<sup>3</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cultura e Representações, uma trajetória. **Anos 90**, Porto Alegre, v.13, n. 23/24, jan./dez. 2006, p. 46.

<sup>4</sup> SERPA, Leoní Teresinha V. *A máscara da modernidade: a mulher na revista O Cruzeiro (1928-1945)*. **Dissertação (mestrado) – Universidade de Passo Fundo**, 2003.

<sup>5</sup> AMARAL, Marivaldo Cruz. Mulheres, imprensa e higiene: a medicalização do parto na Bahia. **História, Ciências, Saúde – Mangueiras**, Rio de Janeiro, v.15, n.4, out.-dez. 2008.

ideário que mascarava as antigas submissões femininas, alterando-as pela valorização do consumo e da beleza.

Marivaldo Amaral, contribui com essa pesquisa, ao problematizar a inserção da imprensa leiga como disseminadora do discurso higienista na cidade de Salvador, em *Mulheres, imprensa e higiene: a medicalização do parto na Bahia*. O pesquisador apontou para as transformações urbanas e sociais que estavam ocorrendo na capital baiana no início do século XX, sobretudo, no papel educativo transmitido pelos meios de comunicação, direcionado às mulheres, visando estabelecer novos padrões de comportamento e disciplina dos seus corpos. Desta forma, além da compreensão dos modelos femininos idealizados, a obra permite o entendimento do contexto, auxiliando na interpretação dos comportamentos defendidos por *Unica*.

Os impressos da revista *Unica*, que estão sob a guarda da Associação Bahiana de Imprensa (ABI), localizada no Edifício Ranulfo Oliveira, na Praça da Sé, no Centro Histórico de Salvador, foram doados a Instituição, segundo Nelson Cadena, pela família de Amado Coutinho.<sup>6</sup> As edições que compreendem o período de julho a dezembro de 1929, foram digitalizadas e armazenadas em acervo pessoal para elaboração desta pesquisa. É importante informar, também, que as citações diretas do periódico que trabalhamos tiveram a sua linguagem atualizada para a norma ortográfica vigente, com o intuito de facilitar a compreensão dos dados interpretados. Destacamos que tivemos o devido cuidado para não alterar o sentido das ideias expostas nas fontes.

A linha metodológica deste trabalho segue as orientações propostas por Ana Maria Mauad<sup>7</sup>, sobretudo no processo de diagramação da revista, considerando a distribuição das imagens e matérias ao atentarmos para as hierarquias das notícias evidenciadas. A historiadora, propõe uma discussão teórico-metodológica sobre a visualidade na história, focando na análise de fotografias vinculadas à mídia. Sua pesquisa se concentra no material iconográfico que circulou no Rio de Janeiro nas revistas: *Careta* e *O Cruzeiro*, ao considerar o processo de aburguesamento das elites no século XX.

Maud, recomenda que as fotografias devem ser trabalhadas considerando os desdobramentos teóricos-metodológicos, entre os quais:

(...) realçamos os processos de produção de sentido na sociedade contemporânea, com destaque para o papel desempenhado pela tecnologia; a definição do circuito social da produção de imagens técnicas, enfatizando a

<sup>6</sup> CADENA, Nelson. **Revista Unica**. Correio: o que a Bahia quer saber. 27 Ago. 2020. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/revista-unica/>. Acesso em 23 nov. 2021.

<sup>7</sup> MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. **Anais do Museu Paulista**. v. 13. n.1. Jan.- Jun. 2005.

historicidade dos regimes visuais; o papel dos sujeitos sociais como mediadores da produção cultural, compreendendo que a relação entre produtores e receptores de imagens se traduz numa negociação de sentidos e significados; e a capacidade narrativa das imagens técnicas, discutindo-se aí a dimensão temporal das imagens, os elementos definidores de uma linguagem eminentemente visual e por fim o diálogo estabelecido entre imagens técnicas e outros textos, tanto de caráter verbal como não-verbal, a partir do princípio de intertextualidade.<sup>8</sup>

Dentre os desdobramentos apresentados pela autora, demos particular atenção ao que foi sintetizado para o tratamento das imagens visuais: a questão da produção, a questão da recepção e a questão do produto. Buscamos também, nesta pesquisa, estabelecer o confronto das fontes imagéticas sobre os papéis de gênero defendidos pela revista com produções historiográficas que refletiram sobre variados aspectos do comportamento feminino, reproduzindo publicações de outras revistas ilustradas e jornais.

O trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro é um debate conceitual em torno dos termos: representação e gênero, pois são essenciais para a compreensão da identificação do imaginário construído pela *Unica* em torno da elite da época. A revista, por meio de diversas narrativas e iconografias, estabeleceu um modelo específico e ideal para a “alta sociedade” baiana: a mulher e o homem modernos, entrelaçados pelos princípios do “progresso” que permeavam as representações culturais e sociais da elite nacional naquele período. Neste capítulo nos valem das contribuições de Roger Chartier<sup>9</sup> e Sandra Pesavento<sup>10</sup> sobre representações e cultura para localizar o mote do mensário e identificar os códigos e símbolos expressos nas edições para a construção de uma determinada realidade social. Para além dos signos, nos valem das contribuições de Rachel Soihet e Joana Maria Pedro<sup>11</sup> e nesse âmbito discutimos sobre a desmitificação de que as construções de gênero são estáticas, refletindo que os papéis são influenciados por ideologias, discursos e hierarquias sociais.

O clássico texto de Tânia Regina de Luca, *História do, nos e por meio dos periódicos*<sup>12</sup>, nos auxiliou na percepção do fazer historiográfico por meio da imprensa. A autora sinaliza para a necessidade da compreensão do funcionamento dos periódicos, sobretudo, questionando-os sobre seus fundadores e corpo editorial, financiadores, data de publicação e circulação, formato,

<sup>8</sup> *Idem. Ibidem.* p. 134.

<sup>9</sup> CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988; CHARTIER, Roger. **O mundo como representação.** **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, p. 173-191, 1991. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/SZqvSMJDBVJTXqNg96xx6dM/?lang=pt>. Acesso em: 15 de nov. 2024.

<sup>10</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. 2006, p. 46.

<sup>11</sup> SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. **Rev. Bras. Hist.** 27 (54). Dez, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882007000200015>. Acesso em: 18 de nov. 2024.

<sup>12</sup> LUCA, Tania Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos.* In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org). **Fontes Históricas.** São Paulo: Editora Contexto, 2008, p. 121.

posições políticas e religiosas. Os impressos possuem funções sociais e estão comprometidos com “jogos de interesses”, alcançando caráter opinativo e de interferência na vida pública. As escolhas publicadas não chegam ao público à toa, desde a escolha do material até a disposição espacial das colunas e imagens estão imersos em uma lógica de intencionalidades. Cabe, ao investigador, a compreensão de tais objetivos intrínsecos nas edições das revistas e jornais em análise.

No segundo capítulo, exploramos e refletimos sobre as informações gerais referentes a revista *Unica*, seu corpo editorial e os aspectos que a fonte levanta sobre a construção de uma cultura única na Bahia. Problematizamos os silenciamentos identificados pela falta de representações das camadas populares. É importante que se destaque, que o perfil da sociedade moderna defendido pela *Unica* tem cor, poder aquisitivo, religião e aspiração política específicos. A estrutura do capítulo procurou detalhar o perfil feminino adotado pelos redatores da revista, promovendo a ideia da mulher moderna consumista, que circula em locais públicos, além dos privados. Observamos que a fonte nos apresenta uma ambiguidade e revela que existem limites para a “modernidade” desta mulher e que convenções foram mantidas em relação aos papéis que lhes foram destinados em comparação com os vivenciados no século anterior.

No terceiro capítulo discutimos o papel da imagem fotográfica, apresentada pela imprensa ilustrada, na elaboração dos aspectos comportamentais e de identidade dos moradores de Alagoinhas, durante o processo de urbanização com destaque para o momento de inauguração da usina elétrica, em setembro de 1929. Observamos a perspectiva do ilustrado como resultado do julgamento de condutas, ao indicar uns e silenciar outros, uma vez que o público do periódico envolvia a vitrine da “alta roda social”. Neste capítulo analisamos também as contraposições da edição extraordinária voltada à Alagoinhas com os demais impressos do mensário.

Um trabalho de grande importância na construção dialógica desta pesquisa foi a dissertação de mestrado de Keite Lima – *Entre a Ferrovia e o Comércio: Urbanização e Vida Urbana em Alagoinhas (1868-1929)*.<sup>13</sup> O estudo contribuiu para a contextualização e compreensão do processo de modernização da cidade. A autora se propôs a interpretar a dinâmica da formação do espaço urbano em Alagoinhas, principiada com a instalação da ferrovia e ampliada com o crescimento do comércio, articulando a relação entre a edificação dos espaços e os usos sociais dos mesmos na cidade.

---

<sup>13</sup> LIMA, Keite Maria S. do Nascimento. *Entre a Ferrovia e o Comércio: Urbanização e Vida Urbana em Alagoinhas (1868-1929)*. **Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia**, Salvador, 2010.

Este trabalho buscou compreender, por meio das imagens contidas na *Unica*, as representações de gênero promovidas pela revista, observando como elas refletem e, ao mesmo tempo, influenciam a construção de identidades sociais e o papel designado a mulher e ao homem dentro da elite baiana, a partir das normativas estabelecidas pela modernização e os valores de progresso da época. Por meio dos aspectos da visualidade objetivamos refletir sobre a tentativa de conciliar a emancipação feminina em certos aspectos da vida social e a manutenção de normas hierárquicas de gênero, onde o homem continuava a exercer as funções de liderança e direção, enquanto a mulher se via inserida em modelos que, embora mais visíveis publicamente, estavam ainda localizados e limitados aos espaços de consumo e educação.

## Capítulo 01

### A “Sociedade Elegante” em evidência: Uma reflexão sobre gênero e representações

#### 1.1 Fragmentos do imaginário coletivo no mensário ilustrado: uma discussão conceitual

As preferências pela revista com que acabamos de dotar a Bahia, cujo programa é de propaganda de todas as nossas atividades, dia a dia se vão manifestando. As nossas patrícias já estão fazendo hábito de ler e posar para *Unica*. [...] como *Unica* fica florida, assim com suas páginas ilustradas com o que de mais interessante o mundo feminino baiano possui.<sup>14</sup>

Publicada em setembro de 1929 no mensário *Unica*, a epígrafe supracitada, aludindo a um comentário que faz referência às intenções dos idealizadores da revista, revela o público-alvo que o periódico buscava atingir: a elite baiana. Em suas edições, *Unica* exibia a vitrine de uma “sociedade elegante”, ao apresentar o cenário que não se difere da complexa “venda de imagem” moderna explícita nos demais magazines notadamente renomados do século XX, a exemplo de: *O Cruzeiro* (1928-1985)<sup>15</sup>, *Revista Feminina* (1914-1936) e *Vida Domestica* (1920-1962)<sup>16</sup>. Em meio às campanhas e ao apelo pela “norma” por modernização, um novo modelo social passou a ser preconizado e difundido pela imprensa, agora, ilustrada.

Nos anos finais da década de 1920, período em que a revista passou a ocupar o mercado editorial baiano, *Unica* apresentava-se ao seu público-leitor, como um dos veículos de informação licenciado para retratar o cotidiano e os aspectos ‘novos’ e ‘modernos’ que surgiam dentro do universo das camadas abastadas da capital, incluindo modos/comportamentos, artigos de luxo, festividades e esportes, ambientes frequentados e a divulgação dos seus pares – através da oficialização de casamentos e noivados; disseminação do meio artístico; políticos em suas atividades; concursos de misses; sugestões de profissionais da saúde: médicos e cirurgiões. Buscavam os seus redatores almejar a missão de documentar/publicitar as alterações no espaço urbano da capital baiana, e demais cidades que se envolviam com o sentido da modernização, entre elas, observou-se a seguinte referência à Alagoinhas, em ocasião da inauguração da usina elétrica, em 22 de setembro de 1929: “Alagoinhas que dará, daqui por diante nova vida noturna à progressista cidade vizinha”.<sup>17</sup>

Ao que parece, a revista *Unica* não se limitou a ser apenas um veículo de comunicação importante na Bahia, como foi intencionalmente anunciado no projeto inicial. Foi além

<sup>14</sup> *Unica*. Mensário Ilustrado, Número 3. Ano I. Bahia, set. – 1929, p. 23.

<sup>15</sup> SERPA, Leoní Teresinha V. A máscara da modernidade: a mulher na revista *O Cruzeiro* (1928-1945). **Dissertação (mestrado) – Universidade de Passo Fundo**, 2003.

<sup>16</sup> FREIRE, Maria Martha de Luna. Mulheres, Mães e Médicos: Discurso maternalista em revistas femininas (Rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920). **Tese (doutorado) – Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, Rio de Janeiro**, 2006.

<sup>17</sup> *Unica*. Mensário Ilustrado, Número 3. Ano I. Bahia, set. – 1929, p. 17.

objetivando influenciar aspectos da cultura baiana e fornece uma ideia de hegemonia estadual. Surgiu, ainda, para alcançar demais territórios brasileiros. Tal premissa foi evidenciada na comparação feita por seus produtores – após o notável sucesso de vendas da sua primeira edição – a outros ilustrados que circulavam no período: “3000 (três mil) exemplares vendidos em 24 horas, fato que nem as revistas cariocas têm conseguido entre nós”.<sup>18</sup> O discurso comemorativo dos seus redatores demonstra o intuito de romper os limites territoriais da capital soteropolitana e se colocar no “elenco” dos magazines que obtinham repercussão nacional e internacional.

Reservamos, portanto, a este espaço da pesquisa, a construção de uma discussão conceitual/teórica envolvendo os “retalhos” do imaginário coletivo criado em torno da elite soteropolitana, evidenciados pelos registros da *Unica*. Através das diversas fontes com recursos iconográficas (fotografias, charges, desenhos, ilustrações, propagandas ilustradas) – parte potencial dos registros expostos pela revista – e das extensas colunas publicadas, ditou-se o arquétipo específico e ideal para a “alta roda” social baiana: a mulher e o homem moderno, entrelaçados pelos ditames do “progresso” que pairavam sobre as representações culturais/sociais da elite nacional à época.

As páginas do ilustrado eram compostas por representações do cotidiano e pela pretensão de estabelecer uma certa atmosfera cosmopolita ao promover “as ocorrências da vida mundana da capital baiana”.<sup>19</sup> As representações sociais, conforme Roger Chartier, “embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam”<sup>20</sup>, configurando-se em discursos não imparciais, que tendem à prática de ações que valorizam alguns aspectos em detrimento de outros, ao legitimar o seu projeto reformador ou justificando-o. Nesta lógica, compreendemos que a *Unica*, ao se colocar na tarefa de discorrer sobre a vida mundana, está expondo o seu propósito, o perfil almejado para seu público leitor e seus interesses. Havia um segmento social que a revista estava sintonizada, e por esse motivo, o seu objetivo em apresentar a sociedade baiana está alicerçado ao destaque dado pelo magazine aos movimentos considerados modernos, em contrariedade às tensões e conflitos presentes entre as camadas sociais, observada ainda mais pela falta de menção aos grupos populares.

Os documentos imagéticos permitem a observação de vastas características peculiares ao contexto histórico em que foram criados e circularam. Desta forma, não se configuram como representações “apartidárias”, pois estão inseridas em um emaranhado de ideologias, visões e

<sup>18</sup> *Unica*. Mensário Ilustrado, Número 2. Ano I. Bahia, ago. – 1929, p. 29.

<sup>19</sup> *Unica*. Mensário Ilustrado, Número 3. Ano I. Bahia, set. – 1929, p. 41.

<sup>20</sup> CHARTIER, Roger. 1988. *op. cit.*, p. 17.

compreensões do seu período de produção. Ao elaborar uma discussão sobre a vinculação entre o mundo e as suas representações na cultura e sociedade, Chartier, argumenta que a representação é uma forma de elaboração de sentido e significado, e que a sua dimensão assume importância, tanto quanto a “realidade” comunicada. O historiador francês, indica ainda, que as representações são suggestionadas pela cultura, pelo tempo e pela sociedade, alterando-se no decurso, logo, a representação consiste em uma via de acesso ao mundo, e através dela torna-se possível a construção da sua compreensão, portanto, refletir sobre as representações é substancial para a percepção da cultura e da sociedade.<sup>21</sup>

Peter Burke<sup>22</sup>, ao defender a utilização da imagem como importante evidência histórica, em sua obra *Testemunha ocular: história e imagem*, afirma que assim como os textos e os testemunhos orais, a imagem carrega os registros de um testemunho ocular. Entretanto, torna-se indispensável a leitura dos “hiatos” apresentados, ao traduzir a ideia e a mensagem que estão presentes nas representações visuais, tarefa que não é simples e requer um largo arcabouço teórico-historiográfico. Ana Maria Mauad<sup>23</sup>, ao realizar “um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX”, afirma:

É, especialmente, no âmbito dos objetos que a mensagem fotográfica das revistas ilustradas entra na intimidade do leitor, moldando-lhe os gostos e educando-lhe o olhar, interferindo tanto na sua representação pessoal quanto na criação de novos códigos de comportamento para uso coletivo. Tal processo ocorre porque esses três tipos de objetos, que fazem parte do cotidiano dos receptores das mensagens fotográficas, ao serem recortados da realidade vivida e transpostos para a realidade da imagem adquirem uma função-signo de modelo, na qual estão investidos de um poder de persuasão até então não dimensionado. A combinação de redes de significado compondo objeto + figuração + vivência adere à representação, indicando formas corretas de se comportar em diferentes ocasiões.<sup>24</sup>

Os modos e comportamentos refletidos, gravados em forma de imagens e narrativas, representa, marca e indica algo. Levando em conta o contexto e os dispositivos de uma determinada época, propicia a compreensão do cenário, e a percepção de uma “realidade” apresentada. Na conjuntura aqui analisada, a *Unica* se constitui como fonte privilegiada na medida em que, toma para si, o propósito de representar a sociedade soteropolitana – e cidades circunvizinhas – ao destacar que retrata e promove “a propaganda de todas as atividades” baianas na primeira metade do século XX. Nas palavras dos seus idealizadores, ela não é mais uma revista no mercado, é a *Unica*. No entanto, convém levantar certas considerações do

<sup>21</sup> CHARTIER, Roger. 1991. *op. cit.*

<sup>22</sup> BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: Edusc, 2004.

<sup>23</sup> MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. **Anais do Museu Paulista**. v. 13. n.1. Jan.- Jun. 2005.

<sup>24</sup> *Idem. Ibidem*. p. 163.

processo de elaboração, e ponderar que significados ou sentidos são construções propositadas por um grupo e não advêm e permanecem a partir do “nada” ou por vontades individuais. Assim como muitos periódicos, a *Unica* é resultado de encadeamentos sócio-históricos que originam e demandam complexas e tensas negociações, movimentações coletivas compostas de objetividade e partilhadas pelos agentes e projetos dos envolvidos.

A historiadora Sandra Pesavento<sup>25</sup>, ao discorrer sobre o uso dos conceitos: cultura e representações, lançou luz sobre os significados dos termos e suas alterações de sentido ao longo do tempo. Destacando a aproximação dos profissionais da História com os antropólogos, a autora traduz a concepção de cultura como uma agregação de compreensões/significados compartilhados, e construídos pelos agentes históricos para explicar o mundo. Logo, a cultura configura-se como um produto social e histórico a se expressar nos espaços e períodos específicos, “em valores, modos de ser, objetos e práticas”.<sup>26</sup> Evidenciando-se como uma “ferramenta” de interpretação e “decodificação” do real, que se revela como forma simbólica, a cultura é assim uma tradução do mundo em sentidos. Mais do que isso, entende-se que os valores culturais, transfigurados em ideários e imagens, moveram-se no tempo e espaço, “em reconfigurações e transfigurações de significado”.<sup>27</sup>

Pesavento, insere em sua obra, o conceito de representações como fator basilar para os estudos da cultura, ao indicar, o termo como “chave” para a explicação do fenômeno existente em todos os aspectos culturais ao longo do tempo: os sujeitos da história “fabricam” ideias sobre o real, que se configuram em imagens, narrativas e práticas sociais que não só supõem o mundo como orientam o direcionamento do olhar e a percepção sobre a realidade. A autora, defende também, que a associação, juntamente a uma atitude hermenêutica, das noções de cultura, representação, imaginário, sensibilidades, memória e subjetividade, carimba e guia a concepção do historiador, ao conduzir sua investigação do passado com problematizações no terreno cultural.<sup>28</sup>

A exemplo de um trabalho já inscrito nos anais da historiografia sobre a temática: a ideia de *Belle Époque*, no Rio de Janeiro nos anos iniciais do século XX, não transporta no espaço e nas trocas sociais o processo idêntico experimentado na França. Apesar das orientações e observações das experiências externas, existe no “pano de fundo” de qualquer alteração, a questão cultural intrínseca à dimensão geográfica e social em que as ações foram efetivadas.

---

<sup>25</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cultura e Representações, uma trajetória. **Anos 90**, Porto Alegre, v.13, n. 23/24, jan./dez. 2006.

<sup>26</sup> *Idem. Ibidem.* p. 46.

<sup>27</sup> *Idem. Ibidem.* p. 48.

<sup>28</sup> *Idem. Ibidem.* p. 52-53.

Luciana Andrzejewski<sup>29</sup>, ao investigar “as memórias da vida cotidiana das classes dominantes” que marcaram as transformações da Capital e o imaginário da população, à época, assevera que além da sua importância geográfica, social e político-administrativa, o Rio de Janeiro, constituiu também, o cenário do imaginário das diferentes representações sociais sobre a urbanização e o modelo coletivo importado dos centros do capitalismo.

[...] tratava-se de uma cidade ideal na produção de uma alternativa de mudança. Neste sentido, algumas realidades e situações eram desconsideradas ou secundarizadas nos discursos e representações, principalmente para os grupos mais populares. [...] Esse projeto de reformulação do Rio de Janeiro no início do século XX dizia respeito a um conjunto de intervenções realizadas ou estimuladas pelo Estado e suas instituições [...] objetivando inserir o Brasil num novo eixo de dominação que se viabilizava na Europa, desvinculando-o do seu passado colonial e área subordinada a Portugal.<sup>30</sup>

Ao menos no meio urbano, a conjuntura brasileira dos “grandes centros” revelava grupos sociais que adquiriram complexidade em colocar-se face ao mundo moderno/capitalista. Com o advento da República, a intensa imigração e a decolagem do processo de urbanização e industrialização, o Brasil, representado pelos grupos dominantes citadinos, preocupados em edificar uma sociedade “moderna e higiênica”, movimentava-se com o propósito de transformar o caráter “atrasado e agrário” das cidades.<sup>31</sup> No que diz respeito a capital baiana, o ideário modernizador também não passou distante e pudemos verificar, tal concepção na frase entusiasta, registrada na revista ilustrada: “*Unica*, na sua qualidade ‘evidenciadora’ de tudo o que representa um surto de beleza e progresso”.<sup>32</sup>

O grande desafio da utilização das representações como objeto de estudo/análise, consiste na compreensão de que a abordagem se configura em uma forma de acessar e decodificar a cultura e a sociedade nos variados contextos em que se apresenta. O conceito por si só não se sustenta para a investigação da proposta empreendida. Não atende aos questionamentos em torno dos papéis de gênero representados pelas fontes iconográficas. As idealizações do “belo”, do “progresso”, e do “moderno” alcançavam a maioria das camadas sociais? As distinções e relações entre as figuras masculinas e femininas, criadas pela revista, chegavam a um público mais amplo, além dos limites da elite soteropolitana? Quais os impactos da visão moderna nas manutenções de estereótipos e tensões entre os gêneros? O magazine

<sup>29</sup> ANDRZEJEWSKI, Luciana. A moda como História. **Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo**, nº 53, abr. 2012. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao53/materia06/texto06.pdf>. Acesso em: 18 de nov. 2024.

<sup>30</sup> *Idem. Ibidem*, p. 4.

<sup>31</sup> SCOTT, Ana Silvia. O Caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla; PEDRO, Joana Maria (org.) **Nova História das mulheres no Brasil**. Contexto: São Paulo, 2012, p. 16.

<sup>32</sup> *Unica*. Mensário Ilustrado, Número 1. Ano I. Bahia, jul. – 1929, p. 31.

*Unica* permite problematizar essas questões (e muitas outras) que integram uma ideia de imaginário coletivo construído e representado em suas páginas.

## 1.2 A História das mulheres e das relações gênero: breve panorama

Ao realizar uma discussão sobre *A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero*, Rachel Soihet e Joana Maria Pedro<sup>33</sup> citam a historiadora Elizabeth Fox Genovese, e afirmam que durante o século XIX e XX, a História, enquanto ciência, ocupava-se dos anais dos “governantes e das batalhas”. As autoras sinalizam a resistência que a categoria ‘gênero’ enfrentou nos campos das ciências humanas, sendo a disciplina História a que mais tardiamente apropriou-se do termo, bem como, da oportuna integração de ‘mulher’ ou de ‘mulheres’ como campo/objeto analítico das pesquisas. Para as autoras, o itinerário, comumente tradicional, dessa área de conhecimento e o predomínio do âmbito por deliberadas perspectivas e abordagens, prolongaram significativamente a ascensão das discussões sobre as mulheres. Parte notável desse “retardo” se deu pelo caráter conferido ao sujeito da história, refletido apenas pela categoria ‘homem’.

Pressupunha-se que, ao narrar/escrever sobre os homens, de forma igualitária, as mulheres estariam sendo consideradas, o que não equivalia à efetivação dos fatos. Faz-se necessário, também, indicar a objeção: não eram todos os indivíduos masculinos que estavam inseridos na gama dos objetos de análise dos pesquisadores, na maior parte dos casos, encontrava-se no centro da discussão: o “homem branco ocidental”. Tal diretriz se devia à forma de construção e interpretação histórica que se empreendia, “herdeira do iluminismo”. Interessada na história política e no domínio público, predominou, durante o século XIX e os primórdios do XX, a “história tradicional”. “Esta privilegiava fontes administrativas, diplomáticas e militares, nas quais as mulheres pouco apareciam”.<sup>34</sup>

Sobre o contexto, Michelle Perrot, discorre:

Da História, muitas vezes a mulher é excluída. Primeiramente o é ao nível do relato, o qual, passadas as efusões românticas, constitui-se como a representação do acontecimento político. O positivismo opera um verdadeiro recalçamento do tema feminino e, de modo mais geral, do cotidiano. [...] O “ofício do historiador” é um ofício de homens que escrevem a história no masculino. Os campos que abordam são os da ação e do poder masculinos, mesmo quando anexam novos territórios. Econômica, a história ignora a mulher improdutiva. Social, ela privilegia as classes e negligencia os sexos. Cultural ou “mental”, ela fala do homem em geral, tão assexuado quanto a Humanidade. Célebres – piedosas ou escandalosas –, as mulheres alimentam as crônicas da “pequena” história, meras coadjuvantes da História! [...] os

<sup>33</sup> SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. 2007. *op. cit.*

<sup>34</sup> *Idem. Ibidem*, p. 284

materiais que esses historiadores utilizam (arquivos diplomáticos ou administrativos, documentos parlamentares, biografias ou publicações periódicas...) são produtos de homens que têm o monopólio do texto e da coisa públicos.<sup>35</sup>

O ímpeto de inverter as perspectivas historiográficas convencionais – de evidenciar a presença real das mulheres na história cotidiana e como ‘elemento’ ativo no processo histórico –, sustentou o esforço de estudiosos, inseridos no contexto das transformações ocorridas na historiografia, sobretudo com a emergência do movimento dos *Annales*, em 1929, que ampliou a discussão historiográfica, popularizando e permitindo a dilatação do leque de fontes e a investigação da atuação no espaço-tempo das “pessoas comuns”. O desdobramento de novos campos, ao longo do século XX, como a história social, a história cultural e a história das mentalidades, e sua conseqüente aliança com a interdisciplinaridade<sup>36</sup>, aliados às articulações provocadas pela explosão do feminismo, nos períodos finais dos anos 1960, tiveram desempenho decisivo no processo de inserção das mulheres à condição de objeto e sujeito da História, evidenciando o advento da História das Mulheres.<sup>37</sup>

A incorporação da ‘temática’: mulher, e sua anexação à esfera do “ser humano universal”, revelaram uma situação repleta de ambigüidades. Fato este, subversivo à realidade até então definida, afinal de contas, a reivindicação de que a história fosse acrescida com elucidacões sobre as mulheres, equiparava-se a autenticar não só a especificidade considerada incompleta daquela ciência, mas também que era parcial a compreensão que os historiadores detinham do passado, e de seus agentes já fixados como ‘verdadeiros’. Sobre tal movimentação, Soihet e Pedro elucidam:

Constituída a História das Mulheres, de acordo com Joan Scott, uma das mais importantes contribuições das historiadoras feministas foi o descrédito das correntes historiográficas polarizadas para um sujeito humano universal. Em que pese seus esforços no sentido de acomodar as mulheres numa história que, de fato, as excluía, a contradição instaurada revelou-se fatal. A história das mulheres com suas compilações de dados sobre as mulheres no passado, com suas afirmações de que as periodizações tradicionais não funcionavam quando as mulheres eram levadas em conta, com sua evidência de que as mulheres influenciavam os acontecimentos e tomavam parte na vida pública, com sua insistência de que a vida privada tinha uma dimensão pública implicava a negação de que o sujeito da história constituía-se numa figura universal.<sup>38</sup>

<sup>35</sup> PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: Operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017, p. 170.

<sup>36</sup> A interdisciplinaridade assumiu dimensão crescente nos estudos sobre as mulheres. O apoio em outras disciplinas, como a antropologia, a psicanálise, a linguística e a literatura, contribuiu para a análise e interpretação das múltiplas propriedades de mulher como sujeito de estudo.

<sup>37</sup> SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. 2007 *op. cit.*

<sup>38</sup> *Idem. Ibidem*, p. 286.

Na década de 1970, consolidou-se o antagonismo ‘homem versus mulher’ com o ângulo central na política e na história, período em que os estudiosos sinalizavam a categoria ‘mulher’ como homogenia, criando um discurso de identidade coletiva feminina – fator que favoreceu o movimento das mulheres. Já no desfecho da década, no interior das esferas das mobilizações políticas e historiográficas, outras tensões delinearão o contexto, ao ser inserida a ‘diversidade’ como problema a ser investigado dentro da categoria ‘mulher’. Conforme apontam Soihet e Pedro, inúmeras foram as oposições evidenciadas, demonstrando a fragilidade da concepção de uma identidade comum. “A fragmentação de uma ideia universal de ‘mulheres’ por classe, raça, etnia, geração e sexualidade associavam-se as diferenças políticas sérias no seio do movimento feminista”.<sup>39</sup> Assim, estabeleceu-se a convicção da necessidade de considerar as múltiplas identidades, divergente do parecer inicial de uma identidade única no “o universo feminino”.

O foco na diferença, além de exteriorizar os impasses da história das mulheres com as normativas das correntes historiográficas centralizadas na formulação do sujeito humano universal – pressuposto que direcionava as ciências humanas – revelou um mosaico de divergências dentro da diversidade, entre a categoria ‘mulher’ e entre a categoria ‘homem’, embora não se pudesse negligenciar as desigualdades e o “jogo de poder” entre os gêneros. Conforme acentua, Michelle Perrot: “Na história e no presente, a questão do poder está no centro das relações entre homens e mulheres”.<sup>40</sup> A partir dos anos 80, o campo historiográfico nutriu-se de inúmeras pesquisas, destacando o cotidiano, as lutas, sobrevivências e resistências das mulheres ao longo do tempo.<sup>41</sup>

E a análise das relações de gênero? “Como é que o gênero funciona nas relações sociais humanas? Como é que o gênero dá um sentido à organização e à percepção do conhecimento histórico?”<sup>42</sup> É importante destacar que o conceito de gênero passou a ser mobilizado em

---

<sup>39</sup> *Idem. Ibidem*, p. 287.

<sup>40</sup> PERROT, Michelle. 2017. *op. cit.*, p. 166.

<sup>41</sup> Segundo Soihet e Joana Pedro, na esfera internacional, entre diversas obras, destacaram-se as produções: de Georges Duby e Michelle Perrot, *As mulheres e a história* (1995); *Quand nos grand-mères donnaient l'avie: la maternité en France dans l'entre-deux-guerres*, de Françoise Thébaud (1986); *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem*, de Joan W. Scott (2002); *Nas margens: três mulheres do século XVII*, reflexão realizada por Natilie Zemon Davis (1997); Entre as pesquisas brasileiras, estão: *Honradas e devotas: mulheres da colônia, condição feminina nos conventos e recolhimentos do sudeste do Brasil*, produzido por Leila M. Algranti (1993); *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*, de Maria Odila L. da Silva Dias (1984); *O avesso da memória: cotidiano e trabalho da mulher em Minas Gerais no século XVIII*, do historiador Luciano Figueredo (1993). - SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. 2007.

<sup>42</sup> SCOTT, Joan Wallach; LOURO, Guacira Lopes; SILVA, Tomaz Tadeu da. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. **Educação & realidade**. Porto Alegre. Vol. 20, n. 2 (jul./dez. 1995), p. 2. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/257862/000037108.pdf?sequ>. Acesso em: 20 nov. 2024.

estudos sociais e de identidade na segunda metade do século XX. Heilborn e Rodrigues<sup>43</sup>, ao construírem uma concisa exposição sobre a história do conceito, salientam que a expressão pode ser entendida em uma estrutura que organiza as relações sociais, para além de uma perspectiva em torno do ser. Em seu sentido generalizado, gênero é o “fenômeno” que distingue os indivíduos de sexos opostos, entretanto, nas ciências sociais, ao absorver uma conotação diferente, significa “a distinção entre atributos culturais alocados a cada um dos sexos e a dimensão biológica dos seres humanos”<sup>44</sup>, ao passo que, indica também, que tanto os homens, quanto as mulheres são produtos do meio social em que estão inseridos e, portanto, suas condições são alteráveis.

Assim, os significados de “ser homem”, “ser mulher” ou de identidades e papéis [relacionados de algum modo a concepções que fazem referência a sexo] como “mãe”, “boa esposa”, “moça de família”, “chefe da casa” são entendidos, na perspectiva de gênero, como situações produzidas, reproduzidas e/ou transformadas ao longo do tempo.<sup>45</sup>

Além disso, a concepção de gênero, enfatiza a essência fundamentalmente social e cultural das distinções alicerçadas no sexo, apartando o sentido da naturalização; dá precisão ao ideário de assimetria e de hierarquia nas trocas entre homens e mulheres, agregando a profundidade das relações de poder; salienta a necessidade da compreensão relacional entre as mulheres e os homens em conjunto, ao indicar que o entendimento de nenhum dos dois termos pode existir através das investigações que os observem desprendidos/separados, “aspecto essencial para descobrir a amplitude dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas várias sociedades e épocas, achar qual o seu sentido e como funcionavam para manter a ordem social e para mudá-la”.<sup>46</sup> Conforme nos lembram Soihet e Pedro, ao citarem Suely Costa sobre:

(...) à articulação do gênero com a classe e a raça/etnia. Interesse indicativo não apenas do compromisso com a inclusão da fala dos oprimidos, mas também da convicção de que as desigualdades de poder se organizam, no mínimo, conforme esses três eixos. Na realidade, como enfatiza Suely Gomes Costa, torna-se possível, com relação a tal conceito, “intuí-lo como um código-chave inventado para superar impasses a que a história das mulheres havia chegado”.<sup>47</sup>

O conceito de gênero faz referência à cultura e aponta para as criações sociais entre as diferenças sexuais, abrangendo às esquematizações coletivas do masculino e feminino. O termo insere-se nas abordagens e problematizações das pesquisas históricas, carregado de ocupações

<sup>43</sup> HEILBORN, Maria Luiza; RODRIGUES, Carla. Gênero: breve história de um conceito. **APRENDER – Cad. de Filosofia e Psic. da Educação**, Vitória da Conquista, Ano XII n. 20 p. 9-21 jul./dez.2018.

<sup>44</sup> SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. 2007. p. 288.

<sup>45</sup> PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de Gênero e História Social. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 17(1): 296, janeiro-abril/2009, p. 163

<sup>46</sup> SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. 2007. *op. cit.* p.288/289.

<sup>47</sup> Idem. *Ibidem*, p. 289.

e metodologias já operantes na história das mulheres, entretanto, reformula e contesta várias outras questões. Os estudos de gênero retratam a abertura de novos caminhos diante dos impasses encontrados em abordagens teóricas que justificavam a dominação do sexo feminino pelo masculino no sentido de “causas originais”, fator que subordinava as relações entre os opostos a uma razão essencial.

Carla Pinsky<sup>48</sup>, ao desenvolver os *Estudos de gênero e História Social*, denota que tanto as teorias do patriarcado – que explicam o controle feminino pela necessidade masculina de domínio do sexo oposto, fixando a disparidade homem/mulher –, quanto as correntes feministas marxistas – que indicam a demanda capitalista no controle da força feminina na divisão sexual do trabalho – não teriam avançado na lógica de explicar historicamente os variáveis modelos de relações entre os sexos e as representações distintas do ‘homem’ e da ‘mulher’, característicos dos múltiplos contextos e culturas.<sup>49</sup>

Pinsky segue ainda a discussão sobre a análise de gênero, destacando que o termo não pressupõe definições fixas e/ou pré-estabelecidas sobre os contrastes sexuais, mas sim, que as diferenças orientam e permeiam as trocas sociais. O estudo do conceito, conforme sinaliza a autora, exige pesquisa, pois, os sentidos atribuídos às diferenças sexuais devem ser analisados dentro dos seus contextos. A autora alerta que o foco das pesquisas não precisa encontrar-se necessariamente relacionado à categoria empírica ‘mulher’ ou ‘homem’, mas também, pode-se abordar significados atribuídos às condições de desigualdade, maternidade/paternidade, às relações de trabalho e familiares, e até as representações nos meios de comunicação e discursos científicos. “Isso porque as representações de gênero estão presentes – sendo construídas, reproduzidas e contestadas – em vários espaços, tais como as instituições, o mercado de trabalho, os meios de comunicação, os movimentos sociais, as experiências coletivas e as escolhas individuais”.<sup>50</sup> Em essência, a categoria gênero oferece uma ferramenta para entender como representações do masculino e do feminino moldam os processos históricos.

Rachel Soihet e Adriana Facina<sup>51</sup>, no texto *Gênero e Memória: algumas reflexões*, apresentam uma pluralidade de concepções acerca dos estudos de gênero, ao delinear a polêmica que envolvia as defesas de Joan Scott e as historiadoras Louise Tilly e Eleni Varikas. Segundo as autoras, Scott defendia a impossibilidade da história social, caracterizada por um

---

<sup>48</sup> PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de Gênero e História Social. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 17(1): 296, janeiro-abril/2009

<sup>49</sup> *Idem. Ibidem*, p. 163.

<sup>50</sup> *Idem. Ibidem*, p. 164.

<sup>51</sup> FACINA, Adriana; SOIHET, Rachel. Gênero e memória: algumas reflexões. **Revista Gênero**, Niterói, v. 5, n. 1, 2004. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/download/30996/18085>. Acesso em: 20 nov. 2024.

determinismo econômico, de abordar o conceito de gênero sem ultrapassar os usos descritivos tradicionais. Para elas, a historiadora estadunidense, com o intuito de desafiar os paradigmas tradicionais e os significados universais sobre o gênero, defendeu a utilização das noções de “diferença” e “desconstrução”, uma vez que o termo parte de uma construção histórica e não de uma “verdade” fixa. Desta forma, ao historicizar as relações de gênero, Scott argumenta que a linguagem, os símbolos e as representações que moldam condutas e normatizam as trocas entre os sexos são meios potenciais para a compreensão das relações de poder.<sup>52</sup>

Ainda de acordo com Facina e Soihet, contrapondo as defesas de Scott, Louise Tilly aplicou ressalvas sobre a sua interpretação ampla e globalizante. Da mesma forma que Scott enfatizou a importância de revelar as bases históricas e sociais, questionando a ideia fixa da oposição binária entre os sexos, Tilly problematizou a capacidade da abordagem para uma explicação histórica. Seria possível a desconstrução contribuir para decodificações históricas, ou ela se deteria apenas em evidenciar significados ocultos, sem que seja elaborado um conhecimento substancial que compreenda o passado? Facina e Soihet, frisam que Louise Tilly argumentou que as mulheres não devem ser observadas intrinsecamente relacionadas à categoria biológica, mas sim ao social. Tilly, defendeu como a “realidade” feminina é moldada por diferentes normativas sociais, costumes e estruturas. Para a autora, a história social ocupa-se dos problemas, interpreta dados e explica indagações históricas importantes, incluindo os estudos de gênero.<sup>53</sup> Na visão de Varikas acentuava-se a importância das interpelações no âmbito da história das ideias e das mentalidades, que valorizam um espaço privilegiado para o exame “das representações, dos discursos normativos, e do imaginário coletivo”; através das quais foi possível observar os conteúdos do masculino e do feminino, movimentarem-se, reconstruindo as diversas formas pelas quais as mulheres puderam ‘re-interpretar’ e ‘re-elaborar’ seus sentidos.<sup>54</sup>

Ainda de acordo com Facina e Soihet,

(...) as censuras formuladas por Joan Scott contra a história social quanto à marginalização das experiências femininas, à redução do gênero a um subproduto das forças econômicas, à indiferença pela influência do gênero na constituição do sentido na cultura e na ideologia política, foram o que desapareceu nas tentativas bem-sucedidas de re-escrita feminista da história à luz da história social.<sup>55</sup>

---

<sup>52</sup> FACINA, Adriana; SOIHET, Rachel. Gênero e memória: algumas reflexões. **Revista Gênero**, Niterói, v. 5, n. 1, 2004. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/download/30996/18085>. Acesso em: 20 nov. 2024, p. 10-11.

<sup>53</sup> *Idem. Ibidem*, p. 11-12.

<sup>54</sup> *Idem. Ibidem*, p. 11-12.

<sup>55</sup> *Idem. Ibidem*, p. 11.

A discussão realizada por Facina e Soihet, na apresentação das aproximações e distanciamentos entre as historiadoras: Scott, Tilly e Varikas, oferece para a historiografia um panorama múltiplo dos pensamentos em torno das questões de gênero. Configurando-se em uma contribuição para o debate em torno da necessidade de esquivar-se de interpretações simplistas e estáticas sobre os sujeitos femininos e masculinos na história. Essa multiplicidade aprimora as pesquisas históricas e humanas, no sentido de indicar a diversidade de formas de compreensão e interpretação da complexidade das relações de gênero no decorrer do tempo. Fortifica a demanda de rastrear as representações femininas identificando os espaços que ocupavam, e quais comportamentos eram a elas ditados.

Diante da discussão apresentada, objetivamos com este estudo compreender os papéis defendidos pelo mensário *Unica* aos sujeitos que estavam inseridos na “alta roda social” baiana, destacando os modelos idealizados à época, a partir do reconhecimento das revistas ilustradas como fonte histórica, principalmente, no seu caráter “pedagógico” e disseminador dos moldes a serem seguidos pelas pessoas de acordo com os lugares sociais e sexuais a elas imputados.

## Capítulo 02

### A “Cultura Baiana” nas páginas da *Unica*

#### 2.1 “Mundanismo, Esportes, Cinema, Atualidades”: O ideário da alta-roda

Na Bahiaurgia, há muito, a existência de uma revista que fosse única no seu gênero, o verdadeiro veículo literário e estético que transportasse, de lar em lar, as últimas novidades do momento [...] *Unica* está na altura de corresponder ao conceito que se faz da cultura baiana.<sup>56</sup>

Publicado na primeira edição, o texto em epígrafe, recortado da página de apresentação da revista *Unica*, destaca o programa de ação dos seus idealizadores, ao apontar a justificativa para a existência do periódico. Diante do cenário nacional, em processo de modernização, “urgia” no contexto baiano, a elaboração de um veículo que inserisse o estado entre os espaços que se alteravam “rumo ao progresso”. Com o intuito de penetrar os lares com as novidades do mundo moderno, anunciando os novos arquétipos femininos e masculinos a elite local, *Unica*, para os seus produtores, estaria à altura de corresponder a tais expectativas e evidenciar uma ideia de cultura baiana que contemplasse os interesses de um segmento abastado da sociedade.

O termo ‘cultura baiana’ faz alusão a citação do texto literário acima, retirado da revista, e ao seu projeto idealizado. Vale indicar que não se configura como propósito desta discussão, engessar e reduzir os diversos aspectos culturais que delineiam a sociedade baiana, à época, aos materiais expostos, transcritos e interpretados das páginas das edições em análise. Em conformidade com os esclarecimentos apresentados por Sandra Pesavento, sobre o termo cultura, “descartadas estão ainda, *grosso modo*, as concepções que entendiam a cultura como manifestação superior do espírito humano e, portanto, como domínio das elites, viés próprio a uma dita ‘história intelectual ou ‘história das ideias’”.<sup>57</sup> Diferente do conceito de cultura defendido por Pesavento, as páginas da *Unica* evidenciavam a ideia de cultura como expressão de requinte intelectual e partilhamento do consumo de determinados produtos e/ou bens. Para os editores da revista, o termo ‘cultura baiana’ foi adotado para exibir os elementos ou características que representavam “a alta-roda social” soteropolitana, elegendo a elite como detentora e produtora dos aspectos culturais, por excelência.

O primeiro exemplar da revista *Unica* foi publicado “ainda sob a dúvida dos aplausos de todos”,<sup>58</sup> em 4 de julho de 1929, com o valor monetário avulso de 1\$000 de réis.<sup>59</sup> O mensário ilustrado circulou por quase meio século, publicitando e esboçando um ideário

<sup>56</sup> *Unica*. Mensário Ilustrado, Número 1. Ano I. Bahia, jul. – 1929, p. 2.

<sup>57</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. 2006. *op. cit.*, p. 47.

<sup>58</sup> *Unica*. Mensário Ilustrado, Número 1. Ano I. Bahia, jul. – 1929, p. 13.

<sup>59</sup> *Unica*. Mensário Ilustrado, Número 1. Ano XXI. Bahia, 1950, p. 7 (Aniversário de 21 anos de *Unica*). Disponível em: Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional (BNDigital) <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em: 23 de out. 2024

cultural da elite baiana. Viu-se, na imprensa soteropolitana, germinar e arrefecer um periódico resistente ao tempo, o que em termos de imprensa, significa merecimento.<sup>60</sup> A revista *Unica*, que segundo Nelson Cadena – Diretor do Departamento da Cultura na Associação Bahiana de Imprensa (ABI) – circulou entre 1929 a 1972 e foi fundada pelo jornalista Annibal Amado Coutinho Barata<sup>61</sup>, responsável pela longevidade do mensário que sobreviveu ao mercado editorial baiano por um período dilatado (43 anos). Tal premissa, de modo isolado, destaca a influência do seu idealizador e do periódico para a formação e compreensão dos comportamentos sociais/culturais da considerada “alta sociedade” soteropolitana ao longo do século XX.

A historiografia sobre a imprensa no Brasil sinaliza que no decorrer dos anos finais do século XIX e o florescer do XX, o crescimento urbano e a progressão das técnicas gráficas ampliaram a circulação dos ilustrados entre as camadas “altas” e “médias” da sociedade.<sup>62</sup> As revistas ilustradas ganhavam maior relevância por sua composição imagética, embora 71,20% da população brasileira fosse analfabeta, com taxa correspondente a 18.549.085 de indivíduos não alfabetizados no contingente de cinco anos e mais, em 1920.<sup>63</sup> Assim, “lia-se” através das imagens e o alcance dos periódicos englobava tanto os consumidores diretos, quanto os indiretos, que partilhavam dos comentários e da leitura em espaços de sociabilidade, a exemplo dos salões de beleza, barbearias, clubes, casas comerciais e ambientes domésticos. Desta forma, o cunho pedagógico dos mensários interferia significativamente nos aspectos de identificação e compreensão de determinados grupos e, dentro desta lógica, a revista *Unica* – direcionada a um público de consumidores abastados - apresentava os elementos políticos e sociais do seu tempo, em evidência gráfica, com extenso arcabouço linguístico, artístico e iconográfico.

Amado Coutinho ou “Seu Barata” – como foi, de acordo com Nelson Cadena, afetuosamente apelidado por Simões Filho<sup>64</sup> –, foi diretor e proprietário de *Unica*. Nasceu em 06 de dezembro de 1894, e faleceu em 06 de dezembro de 1972, em Salvador, aos 78 anos.

---

<sup>60</sup> CADENA, Nelson. **Revista Unica**. *Correio*: o que a Bahia quer saber. 27 Ago. 2020. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/revista-unica/>. Acesso em 23 Nov. 2021.

<sup>61</sup> *Idem*. *Ibidem*.

<sup>62</sup> CARLONI, Karla. “Requebrando os quadris”: o jazz e transgressão feminina nas revistas ilustradas cariocas da década de 1920. **Locus: Revista de História**, Juiz de Fora, v.25, n.2, p.79-99, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/28235>. Acesso em: 21 de maio de 2023.

<sup>63</sup> GIL, Natália. Analfabetismo da população brasileira nas análises de Giorgio Mortara sobre o censo de 1940. **Revista Brasileira de Estudos da População**. v.39, 1-15, e 0213, 2022, p. 4.

<sup>64</sup> CADENA, Nelson. **Revista Unica**. *Correio*: o que a Bahia quer saber. 2020.

Esposo de Marieta Bernardes Amado Coutinho<sup>65</sup>, filho do Cel. João Amado Coutinho Barata<sup>66</sup>, o jornalista foi remido fundador da ABI<sup>67</sup>, secretário do Clube Comercial<sup>68</sup> e candidato à Câmara de Vereadores da capital soteropolitana<sup>69</sup> em 1950, pelo Partido de Representação Popular (PRP). Em ocasião da publicação do mensário *Unica*, Amado Coutinho detinha vasta experiência jornalística e empreendedora. Segundo Cadena, enquanto cursava a Escola de Engenharia, Coutinho fundou a revista *A Epopeia* (1914) – posteriormente, lançou também *A Cegonha* (1917) e *Vida Esportiva*.<sup>70</sup> No mesmo período, ingressou no *Jornal de Notícias* (1891), assumindo a função de revisor de provas e logo mais expandiu seu domínio ao desempenhar as funções de auxiliar de tesouraria, supervisor e redator do segmento de esportes no jornal *Diário de Notícias* (1875-1980).<sup>71</sup>

Já em posição de proprietário da *Unica*, Amado Coutinho nutriu os seus vínculos com a imprensa ocupando o cargo de redator dos jornais *Diário da Bahia*, *O Imparcial* e *A Tarde* (1912). Neste último, desenvolveu atividades no departamento de publicidade, atuando também como cronista esportivo, carnavalesco e social. Entusiasta pelos esportes e pelo carnaval, o responsável pela *Unica* – que tinha o “seu coração rubro-negro”, torcedor do Esporte Clube Vitória e apreciador do Clube Carnavalesco Cruz Vermelha – desempenhou cargos em diversas associações de classe vinculadas a essas atividades. Integrou a reorganização da Associação Bahiana de Cronistas Desportivos (ABCD), em 1926 e, em 1930, participou da fundação da Associação Bahiana de Cronistas Carnavalescos (ABCC). Foi membro da ABI, da Federação dos Clubes de Regatas, do Clube Cruz Vermelha, além do Clube Comercial, no qual foram coroadas as Rainhas de Carnaval, durante décadas.<sup>72</sup>

<sup>65</sup> *Unica*. Mensário Ilustrado, ano 1949, edição 0003, p. 28. Disponível em: Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional (BNDigital) <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em: 23 de out. 2024.

<sup>66</sup> *Unica*. Mensário Ilustrado, Número 1. Ano I. Bahia, jul. – 1929, p. 13. Os esclarecimentos aqui registrados sobre o pai de Amado Coutinho, assim como o nome da sua esposa, foram retirados de notas comemorativas de aniversários expostas nas edições analisadas. Vale indicar, também, que não foram localizados dados sobre a sua mãe nas fontes examinadas.

<sup>67</sup> As informações que sinalizam seu nascimento, morte e título, foram extraídas de dados disponibilizados pela ABI, no momento da visita realizada para a elaboração da pesquisa. O documento guardado pela instituição registra o número de inscrição de seus sócios e participantes (0091 – Anibal Barata).

<sup>68</sup> *Unica*. Mensário Ilustrado, ano 1949, edição 0005, p. 8. Disponível em: Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional (BNDigital) <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em: 23 de out. 2024.

<sup>69</sup> *Unica*. Mensário Ilustrado, ano 1950, edição 0001, p. 13. Disponível em: Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional (BNDigital) <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em: 23 de out. 2024.

<sup>70</sup> Não foi possível identificar a data de publicação do periódico citado.

<sup>71</sup> CADENA, Nelson. **Revista Unica. Correio**: o que a Bahia quer saber. 2020.

<sup>72</sup> CADENA, Nelson. **Revista Unica. Correio**: o que a Bahia quer saber. 2020. O comentário redigido por Cadena ao jornal digital *Correio*, encontra-se no vago arcabouço de informações encontradas sobre o jornalista Amado Coutinho. Apesar de sua notória influência social, não se encontrou trabalhos científicos em que ele seja objeto de pesquisa.

O corpo técnico da revista era formado por homens, não havendo nenhuma menção à alguma figura feminina na equipe editorial: Egberto de Campos Ribeiro, Francisco F. Lyra, João Guimarães, Jayme Abreu (Chuchu) e Eustaquio Bastos Filho; A seção de fotografia era dirigida por Antidio Correia e a de gravuras por Marcial Tosca – ex-gravador de revista *Careta* (1908) do Rio de Janeiro e do *Folha do Norte* (1896-1974), diário paraense; A parte técnica foi confiada ao Sr. Salvador J. de Araujo; A segmentação comercial envolvia os senhores: João Magalhães Braga, Voltaire Fraga e Theodulo Viterbo; Havia também, um representante correspondente no Rio de Janeiro, o Dr. Mello Barretto Filho. “Todas as seções redacionais e comerciais, no entanto” estavam “sob a direção absoluta do seu diretor”.<sup>73</sup>

A grande imprensa da Bahia, no período, estava representada pelos seguintes periódicos: *Diário da Bahia*, *Diário de Notícias*, *A Tarde* e *O Imparcial*, pois, segundo Laís Ferreira<sup>74</sup>, foram esses jornais que se adequaram aos moldes da empresa jornalística da fase industrial, incentivada e dinamizada pela ascensão da urbanização de Salvador, conduzindo os noticiários a efetivarem a cobertura do cotidiano citadino. Entre os jornais baianos, destacaram-se na condição de modernas instituições publicitárias o *A Tarde* e *O Imparcial*. Dentro dessa conjuntura, notadamente, Amado Coutinho transferiu as influências da modernização jornalística para a revista *Unica*, considerando sua relação com os periódicos indicados, percebemos este um fator de identificação determinante para promoção e aceitação do seu magazine.

O periódico evidenciava que seu idealizador e colaboradores apresentavam-se embevecidos pelo espectro da modernidade que deslumbrava a mentalidade social de muitos residentes dos grandes centros urbanos da época. Diversos textos e ilustrações transpareciam a intencionalidade da venda de imagem da cidade de Salvador, e sua população considerada ou vista em estágio de “progresso”. A chegada da energia elétrica em alguns pontos da região e o aperfeiçoamento dos sistemas de transportes com a inserção dos bondes elétricos e a modernização do porto, alteraram a dinâmica na vida urbana soteropolitana, e na imprensa local, algumas revistas – a exemplo de: *O Papão* (1905), a *Revista do Brasil* (1906) – se destacaram na tentativa de “captar o momento que a cidade vivia, estimulando-a a seguir os passos das outras capitais”.<sup>75</sup>

<sup>73</sup> *Unica*. Mensário Ilustrado, Número 1. Ano I. Bahia, jul. – 1929, p. 13.

<sup>74</sup> FERREIRA, Laís Mônica R. Educação e Assistência Social: as estratégias de inserção da Ação Integralista Brasileira nas camadas populares da Bahia em *O Imparcial* (1933-1937). **Dissertação de mestrado – UFBA**. Salvador, 2006, p. 37. Disponível em: <https://ppgh.ufba.br/pt-br/educacao-e-assistencia-social-estrategias-de-insercao-da-acao-integralista-brasileira-nas-camadas>. Acesso em: 15 de nov. de 2024.

<sup>75</sup> SANTOS, Henrique Sena; CIDREIRA, Renata Pitombo. Jornalismo de moda e visualidades femininas nas revistas ilustradas de Salvador no início do século XX. dObra[s]: revista da Associação Brasileira de Estudos de

Nas edições em análise da *Unica*, observamos fotografias de inaugurações de ruas e de casas, a exemplo da publicação com o título *o progresso das construções na Bahia*, referindo-se a propriedade dos irmãos Esteves, funcionários do Banco do Brasil.<sup>76</sup> Na legenda, os editores do magazine citam que a construção é um estilo bangalô. Esta edificação, segundo Karla dos Santos e Nilson Ghirardello<sup>77</sup>, configurava-se a “modernidade” no habitar, por sua fácil execução, alcançando o gosto das camadas abastadas e médias da sociedade, no século XX. O modelo transitou da Índia à Inglaterra, alcançando os Estados Unidos e posteriormente o Brasil, através das revistas da época ou por viagens da burguesia ao exterior. Em mais um registro que reforça às referências estrangeiras no processo modernizador local e no projeto de igualar Salvador às demais capitais do país, encontra-se a descrição do bairro de Nazaré:

Nazaré é um bairro novo e bonito, que nos mostra alguma coisa promissora para o futuro da Bahia. Ali só se depara com habitações similares ao que de mais lindo há pelas grandes capitais do país. Os bangalôs elegantes levantam-se em notável quantidade. Mas para condizer com tudo isto não falta a beleza feminina que dá encanto às festas *chics* dali.<sup>78</sup>

Ao pontificar sobre o bairro de Nazaré e a construção dos bangalôs, e outros elementos relativos à modernização local, a nova agenda “progressista” e higienista buscava adaptar formas estrangeiras à realidade soteropolitana. Ao reportar às grandes metrópoles – do exterior e, também, as brasileiras – que se desenvolviam como ideal de cidade, o cotidiano apresentado pelo ilustrado aponta a trajetória dos atores sociais que circulavam na urbe: a população consumista burguesa, silenciando as desigualdades existentes entre as camadas altas e populares. No curioso destaque a presença das mulheres observamos na ênfase a questão da beleza feminina, cujo propósito era dar “encanto às festas *chics*” da localidade. A mulher aparece como ornamento.

Nas páginas da *Unica* não foi registrada a presença de pessoas das esferas populares ou desfavorecidas social e materialmente, ocultando o conflito entre as camadas. Conforme destaca Marivaldo Amaral,<sup>79</sup> de um modo geral, “a presença desses atores sociais nas ruas era avaliada pela imprensa como uma agressão à civilidade, pois, além de serem considerados pobres e infratores, a maioria das mulheres não se incluía no modelo de família nuclear;

---

Pesquisas em Moda, ISSN 1982-0313, ISSN-e 2358-0003, vol. 14, Nº. 29, 2020, p. 147. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8107537>. Acesso em: 26 de nov. de 2024.

<sup>76</sup> *Unica*. Mensário Ilustrado, Número 3. Ano I. Bahia, jul. – 1929, p. 25.

<sup>77</sup> SANTOS, Karla Di Giocomo D. O; GHIRARDELLO, Nilson. Um habitar “moderno” para as cidades interioranas do Brasil: O Bangalô. **IV enanparq**, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-4/SESSAO%2017/S17-04-SANTOS,%20K;%20GHIRARDELLO,%20N.pdf>. Acesso em: 26 de nov. de 2024.

<sup>78</sup> *Unica*. Mensário Ilustrado, Número 4. Ano I. Bahia, out. – 1929, p. 12.

<sup>79</sup> AMARAL, Marivaldo Cruz. Mulheres, imprensa e higiene: a medicalização do parto na Bahia. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.15, n.4, out.- dez. 2008.

solteiras e muitas consideradas ‘mulheres públicas’”.<sup>80</sup> Diante desse cenário e em sintonia com os demais periódicos do período, o papel da *Unica*, notadamente, foi o de construir um imaginário romantizado sobre a cultura ideal, a cultura da elite baiana.

A revista é composta por um conteúdo bastante diversificado: literatura, esportes, artes, militarismo, política, publicidade, sendo possível ser classificada como um magazine de variedades. Sobre essa variedade de temáticas, a preocupação de suscitar nos leitores um certo desejo de alteração de comportamento em harmonia com as mudanças urbanas em curso na cidade, é o que parece prevalecer no mensário. A extensa diversidade de conteúdos contidos nas edições pretendia atender/alcançar múltiplos públicos, uma vez que o número de alfabetizados era relativamente pequeno e ampliar o maior número possível de consumidores do impresso era o que caracterizava o sucesso dos periódicos com as características da *Unica*.<sup>81</sup> Afinal, “aos imperativos ditados pela busca de produtividade e lucro aliava-se a intenção de oferecer aos consumidores uma mercadoria atraente, visualmente aprimorada, capaz de atender aos anseios da crescente classe média urbana e dos novos grupos letrados”.<sup>82</sup>

O proprietário do ilustrado, colocando em evidência suas aspirações e influências políticas, não economizou espaço em suas edições para o enaltecimento de personalidades e seus feitos públicos, realizando um verdadeiro “culto aos grandes nomes”. Entre os estadistas, encontram-se: Otávio Mangabeira, Ruy Barbosa e Plínio Salgado<sup>83</sup>, esse último idealizado por Amado Coutinho como “grande pensador e líder democrático cristão”,<sup>84</sup> e aclamado em diversos textos escritos e assinados por Barata (Amado Coutinho).<sup>85</sup> Nas publicações

---

<sup>80</sup> *Idem. Ibidem* p. 931.

<sup>81</sup> LUCA, Tania Regina de. 2008. *op. cit.*, p. 121.

<sup>82</sup> *Idem. Ibidem* p. 137.

<sup>83</sup> Líder da Ação Integralista Brasileira (AIB), ideologia política, que segundo Laís Ferreira, caracterizou-se no exposto conservadorismo, sobretudo, no ultranacionalismo, anticomunismo e antiliberalismo. “Enquanto movimento de massas, a Ação Integralista Brasileira se caracterizou: pela rígida hierarquia; pela figura de um chefe carismático; pelo culto à personalidade; a formação de milícias; além da composição de uma juventude do movimento – os *plinianos*; forte mística e a simbologia que tinha um papel importante no movimento como uso de camisa verde, a saudação indígena *anauê*, o emblema do sigma entre outros”. (FERREIRA, 2009, p. 41-48). Ao analisar a atuação do integralismo na imprensa baiana, com base no jornal *O Imparcial*, a autora sinaliza que o periódico atuou de duas formas distintas diante do movimento: a primeira, nos anos 1930, como pró-integralista, e a segunda, como antiintegralista, durante a primeira metade da década de 1940. Ferreira, aponta uma alteração no comportamento da imprensa baiana frente à ideologia, resultado da repressão dos governos: nacional e estadual. Dentro dessa lógica, é curioso notar a relação de Amado Coutinho com Plínio Salgado, apesar da perseguição tenaz do governo do estado ao movimento integralista, a partir de 1936. FERREIRA, Laís Mônica R. **Integralismo na Bahia: Gênero, Educação e Assistência Social em O Imparcial 1933-1937**. EDUFBA, Salvador, 2009, p. 23.

<sup>84</sup> *Unica*. Mensário Ilustrado, ano 1949, edição 0009, p. 7. Disponível em: Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional (BNDigital) <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em: 23 de out. 2024.

<sup>85</sup> *Unica*. Mensário Ilustrado, ano 1950, edição 0001, p. 24; edição 0006, p. 16; edição 0010, p. 18. Disponível em: Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional (BNDigital) <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em: 23 de out. 2024.

selecionadas para análise, observamos em suas redações, elogios aos “avanços” proporcionados pelo Governador do Estado, Dr. Victal Soares. No panorama fotográfico, intitulado: *os grandes empreendimentos da Companhia Linha Circular*, evidenciou a “[...] visita à Usina Bananeiras”, que representava, segundo ele, “um passo gigantesco do progresso da nossa terra, um surto maravilhoso da nossa civilização”. Destacou ainda que “entre os componentes da comitiva” estava “o Exmo. Snr. Dr. Victal Soares, muito digno e preclaro Governador do Estado”.<sup>86</sup>

Apesar da inserção de Amado Coutinho em diversos espaços de sociabilidades da elite baiana, atuando em várias frentes, e seus comentários elogiosos as ações públicas de governantes e demais políticos, ao que parece, o diretor da *Unica* não lograva de prestígio ou confiança política, uma vez que não obteve êxito em sua aspiração ao cargo de vereador de Salvador nas eleições municipais de 1950. O envolvimento com seus pares revela, no entanto, possíveis redes de financiamento econômico do mensário ilustrado, ao evidenciar inúmeras publicações cujo objetivo era de propagandear os atos públicos da camada governamental baiana.

A revista, que possuía, em média, cerca de 43 páginas dos assuntos mais variados, se valia amplamente de ilustrações. No conjunto de iconografias analisadas, percebemos o enaltecimento do estilo de vida baseado no consumo supérfluo de artigos de luxo, marca registrada do cidadão moderno. Nessas propagandas, predominavam a venda de produtos como joias, móveis, eletrodomésticos, vitrolas e discos musicais, cosméticos e produtos de beleza, calçados, roupas, motocicletas, cervejas, anúncios de companhias de seguros e casas de sorteios e prêmios. Além das categorias de propaganda, prevalecia o uso de imagens fotográficas, não apenas de perfis políticos, mas de cenários, paisagens, personalidades do clero, cidades, edificações, festividades nacionais e religiosas, e da elite em atividades do cotidiano. Entre a gama de fontes iconográficas e os discursos em torno dos gêneros, analisaremos adiante o perfil feminino propagado nas páginas das edições analisadas.

## **2.2 “Um punhado de moças bonitas”: o arquétipo da beleza feminina baiana no magazine**

A emergência feminina nos salões dos clubes sociais, nas ruas e avenidas e em ambientes fora do lar reorientou o olhar da imprensa, e entre outros grupos sobre como a mulher deveria estar/apresentar-se no espaço público, no sentido de lhe consentir novas sociabilidades, questionamentos e visualidades de lugares sociais estabelecidos historicamente ou a reinventar hierarquias para além dos espaços privados. Sobre o contexto, Marcia Barreiros aponta:

---

<sup>86</sup> *Unica*. Mensário Ilustrado, Número 4. Ano I. Bahia, out. – 1929, p. 37-38.

Na passagem do século XIX para o século XX, a presença feminina nas ruas de Salvador foi percebida de modo muito constante pelos contemporâneos, notadamente os cronistas da vida cotidiana. Num sistemático processo de ocupação do espaço público, as mulheres dos setores sociais elevados e medianos acompanhavam a transformação dos costumes de uma cidade que aos poucos se modernizava, procurando seguir desenvolvimentos similares ocorridos em outras capitais do país. Foram diversas as experiências do sexo feminino nas ruas de Salvador, o que nos leva a repensar os limites do chamado patriarcalismo no período em estudo. A imagem da mulher reclusa em seu lar, unicamente preocupada com a rotina doméstica, desinteressada por qualquer instrução ou ocupação laboriosa e limitada nas suas diversões, não está de acordo com os comportamentos e vivências femininas no contexto da Bahia republicana.<sup>87</sup>

Diante dessa atmosfera moderna, um conteúdo abrangendo a presença feminina aparece de modo sistemático no mensário. As fotografias retratam as mulheres constituindo cenários familiares ao redor de homens, habitualmente seus pais, maridos e irmãos. Para além do contexto doméstico, as figuras femininas são apresentadas em concursos de misses, teatros, parques, comemorações religiosas e nacionais, apontando para a movimentação da mulher moderna, transitando entre os ambientes públicos e privados. Por sua vez, as propagandas também investiam nas imagens femininas para a venda de produtos, como artigos de beleza, cosméticos e eletrodomésticos. Foi nesse contexto que encontramos as evidências sobre a moda na revista ilustrada.

Ao realizar um debate sobre a Moda e o vestuário como objetos de estudo na História, Paulo Debom, cita Roland Barthes e o seu pensamento acerca da diferenciação dos conceitos: indumentária e traje, ao destacar que “o primeiro fundamenta-se como construção social que vai além do indivíduo; já o segundo é individual, por se basear no ato de vestir-se no qual a pessoa apropria-se da indumentária para forjar sua aparência”.<sup>88</sup> Desta forma, a seleção da Moda – produto e produtor do “seu tempo”, parte de um contrato coletivo.

Para Braudel,

A história das roupas é menos anedótica do que parece. Levanta todos os problemas, os das matérias-primas, dos processos de fabrico, dos custos de produção, da fixidez cultural, das modas, das hierarquias sociais. Variado, o traje por toda a parte se obstina em denunciar as oposições sociais.<sup>89</sup>

<sup>87</sup> BARREIROS, Marcia. 1997, p. 138 *apud* SANTOS, SANTOS, Henrique Sena; CIDREIRA, Renata Pitombo. Jornalismo de moda e visualidades femininas nas revistas ilustradas de Salvador no início do século XX. dObra[s]: revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, ISSN 1982-0313, ISSN-e 2358-0003, vol. 14, Nº. 29, 2020, p. 156. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8107537>. Acesso em: 26 de nov. de 2024.

<sup>88</sup> BARTHES, Roland. 2005, p. 267 *apud* DEBOM, Paulo. A Moda e o vestuário como objetos de estudo na História. **Ensinarmode**, Vol. 3, n. 3, p.013 - 026, 2594-4630, Florianópolis, out. 2019 - jan. 2020, p. 16.

<sup>89</sup> BRAUDEL, Fernand. **Civilização Material, Economia e Capitalismo - Séculos XV-X- VIII: As Estruturas do Cotidiano**. Volume 1. São Paulo: editora Martins Fontes, 2005, p. 281.

Em sua reflexão, Braudel concluiu que a vestimenta não é apenas um instrumento de decoração, proteção ou beleza. O historiador francês aponta que o vestuário envolve processos de produção, questões culturais, expressões de Moda e, sobretudo, conflitos entre grupos sociais. As roupas/comportamentos não devem ser inspecionadas/investigadas sozinhas. O autor indica que o estudo do vestuário está relacionado as estruturas e conflitos entre as camadas que compõem a sociedade. Portanto, é necessário entender a Moda/valores de acordo com o espaço-tempo, é importante associá-los aos vários aspectos ao seu redor.

“Nos trajes entrecruzam-se diversos elementos simbólicos que edificam uma época. As vestes permitem leituras enviesadas que caminham pelas mais diversas esferas do pensamento, da política e da economia”.<sup>90</sup> Dentro dos aportes indicados sobre a Moda – e aqui tratados não como sinônimo apenas de indumentária – podemos perceber a correlação entre as estruturas e aspirações político-ideológicas que compuseram as páginas das edições da revista *Unica*, sobre o progresso da capital soteropolitana e cidades circunvizinhas, durante os anos vinte do século XX. Para balizar e transmitir os aspectos comportamentais idealizados às moradoras cidadinas, contou com a circulação implícita da ideia através da imagem. Em uma das evidências sobre a moda, com o título *A moda que nos vem de Hollywood*, contendo fotografias de artistas norte-americanas, um dos colunistas sinaliza que:

Dona Moda é uma senhora elegantíssima que muda de costume como nós mudamos de camisa. Leila Hyams, a deliciosa artista da *Metro Goldwyn* mostra-nos a evolução da moda em penteados femininos, desde os tempos memoráveis da Eva até os nossos dias. Qual o mais distinto, o mais lindo? Nossas leitoras que o digam...<sup>91</sup>

Ao ler o comentário, notamos mais uma vez a valorização dos modos importados estadunidenses. Por outro lado, o texto expressa também o reconhecimento do potencial comercial e econômico da moda, afinal, era necessário para a manutenção do magazine no mercado editorial a abordagem de temáticas que pudessem contribuir para a garantia de mais leitores, sobretudo leitoras – as patrícias. Nessa lógica, o recurso imagético, especialmente a fotografia, revelou-se um método demasiadamente empregado pela revista como forma de abordar o tema (figura 01). A linguagem permitia tanto tratar da questão, revestindo-a de um aspecto mundano típico dos sentidos civilizatórios, como também possibilitava a ilustração dos comportamentos, apesar da moda ainda ser vista no contexto como um espaço dos exageros e da subversão feminina. Diversas são as imagens que indicam como as senhorinhas

---

<sup>90</sup> DEBOM, Paulo. A Moda e o vestuário como objetos de estudo na História. *Ensinarmode*, Vol. 3, n. 3, p.013 - 026, 2594-4630, Florianópolis, out. 2019 - jan. 2020. Disponível em: file:///C:/Users/jessi/Downloads/15897-Texto%20do%20artigo-55598-7-10-20191104.pdf. Acesso em: 09 de Abr. de 2023.

<sup>91</sup> *Unica*. Mensário Ilustrado, Número 3. Ano I. Bahia, set. – 1929, p. 7.

soteropolitanas acompanhavam as tendências e incorporavam os modos e modas<sup>92</sup> que vinham de Hollywood.

Figura 01 – As patrícias da *Unica*.



Fonte: *Unica*, Salvador, ano 1, n. 3, 1 de Setembro de 1929, p. 21-22.<sup>93</sup>

O conjunto das imagens que aparece nas duas páginas da *Unica* evidenciam a mulher no espaço privado que pode ter sido em estúdios e também circulando pelas ruas. São imagens de mulheres identificadas com seus respectivos nomes logo abaixo. Não são, portanto, mulheres anônimas. São identificadas por seus nomes e sobrenomes. Estão vestidas com roupas elegantes e quando usam chapéus são os que estão em sintonia com a moda. As expressões das retratadas evidenciam delicadeza e uma sensualidade recatada. Os desenhos ajudam a evidenciar que elas estão sintonizadas com os ditames da moda daquele contexto.

Ao longo das edições, a quantidade de iconografias, incluindo fotografias e desenhos, se expande e o tamanho e a disposição desses elementos nas páginas do ilustrado não eram periféricos em relação aos textos escritos. A imagem acima, por exemplo, dispõe de vários materiais imagéticos que além de evidenciar o perfil ditado por *Unica* ao gênero feminino, indica a incorporação do “novo padrão” conhecido como melindrosas, pelas patrícias baianas.

<sup>92</sup> Apesar da apresentação da moda como uma prerrogativa feminina, cabe enfatizar que os homens também estavam envolvidos com um conjunto de regras de moda que deveriam ser consideradas por componentes da elite. A falta de incorporações de determinados costumes denunciava uma pessoa pouco afinada com as peculiaridades da “civilidade”.

<sup>93</sup> Arquivo pessoal (digitalizado).

Essas “figuras graciosas” que viviam fora das convenções do seu tempo, são fruto de um conjunto de situações sociais e culturais que se desencadearam durante os anos finais da Primeira Grande Guerra Mundial (1914-1918). Além das alterações em valores morais, a expansão das cidades, a consolidação do individualismo e o distanciamento gradual dos moldes ditados pela *belle époque*<sup>94</sup>, o misto de sentimentos como o medo, a insegurança e a esperança pairavam os palcos urbanos europeus, que vivenciavam a aparição de uma nova configuração social que causou transformação na identidade subjetiva das pessoas.<sup>95</sup> Segundo os historiadores, Nascimento e Melo:

A personificação das fragilidades das relações humanas, o desejo crescente de superação, o “viver intensamente o momento”, e a insegurança do que se esperar do futuro, são características que refletiram diretamente no comportamento social urbano. Ao mesmo tempo, intensificava-se a produção tecnológica de maneira jamais vista, com bens de consumo desenfreadamente produzidos, novas modas e êxtase de consumir. O capitalismo fortalecia-se e encurtava as distancias entre povos de distantes fronteiras. Desta forma, apresentava-se aos mercados e, em espaços de tempo cada vez menores, as novidades desses novos tempos, incluindo os novos padrões sociais dominantes.<sup>96</sup>

A influência do comportamento europeu extrapolou os limites territoriais do “velho continente” e o processo de “integração” do mundo causados pelo *boom* das técnicas de reprodução conduziu o sentimento de agitação, almejo desenfreado por diversão, festas e bailes, ao Brasil, e suas grandes capitais apresentavam a absorção de tais convenções através dos veículos de comunicação impressos. Nesse lapso de tempo, aparecem as melindrosas, que em seu *léxico* corporal idealizado transmitiam o sentido de “viver a vida”, rompendo os modelos sociais correntes. Nascimento e Melo indicam que consideram [...] “as melindrosas como símbolo máximo da modernidade ansiada pelo início do século XX: seres emblemáticos, andróginos, que representam de maneira formidável a adesão aos desígnios de uma sociedade moderna”.<sup>97</sup>

*Unica*, em seu caráter de representante da dita cultura baiana, não deixou de tecer comentários às figuras que circulavam na urbe, além de evidenciar o padrão nas fotografias das mulheres que compuseram suas páginas. Enquanto as alterações nos espaços baianos com a modernização e o “embelezamento” se proliferavam, as imagens das moças – indicadas como

<sup>94</sup> Termo francês conhecido por marcar um período de otimismo e progresso na Europa, utilizado após a Primeira Guerra Mundial, representando um saudosismo à “época de ouro” que antecedeu o Primeiro Grande Conflito. A expressão faz alusão aos progressos científicos, materiais e tecnológicos encerrados pela guerra.

<sup>95</sup> NASCIMENTO, Alcileide Cabral; MELO, Alexandre Vieira da Silva. Melindrosas em revista: Gênero e sociabilidades do início do século XX (Recife, 1919-1929). *História Revista*, ISSN-e 1984-4530, ISSN 1414-6312, vol. 19, n.º. 3, 2014. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5013476>. Acesso em: 19 de jun. de 2023, p. 6-20.

<sup>96</sup> *Idem. Ibidem*, p. 7.

<sup>97</sup> *Idem. Ibidem*, p. 8.

“ornamentos da sociedade baiana”<sup>98</sup>, ponto de vista que sinalizava a mulher como enfeite, herança do período vitoriano – que ocupavam os espaços públicos e as melindrosas simbolizavam as modificações nas relações sociais. O arquétipo, também, refletia uma ruptura com a condição tradicional dos gêneros, apresentando certa desnaturalização das posturas do ser mulher, e ser homem, visto na sua aparente adaptação de padrões ditos masculinos. Apesar de surgir em diferentes espaços, a ideia da mulher melindrosa atendia às condições culturais de cada local. Nas edições da *Unica*, o “fenômeno” foi abordado de diferentes formas, entre eles o texto na coluna *Feira de amostras*, contendo o subtítulo *Melindrosismo que assim foi evidenciado*:

*Mademoiselle* é destas modernistas, que podem esquecer tudo na vida, menos olhar os anúncios de modas, nos jornais, e procurar a manicure mais afamada da terra. O seu porte minúsculo não diz o tino e inteligência daquele pedacinho de mulher. [...] E *mademoiselle*, de uma exigência formidável comentava com a manicure a necessidade da mulher atual apresentar unhas bem descarnadas e róseas, sobancelhas bem aparadas, lábios bastante rubros, vestido transparente... A minha curiosidade de repórter elegante não pôde deixar de apurar bem os olhos e os ouvidos no diálogo das duas mulheres modernas enquanto com os meus botões eu comentava a faceirice das nossas melindrosas deste século de tanta evolução e revolução.<sup>99</sup>

É curioso que o articulista se colocou como um ouvinte curioso de um suposto diálogo entre duas mulheres que ele considerava “modernas” e que ele ouvia sem pudor de estar bisbilhotando a vida alheia. Consideramos que este diálogo imaginário foi apenas um recurso para divulgar os ditames do que se esperava para o novo comportamento feminino no que diz respeito a aparência das suas unhas, sobancelhas, lábios e vestimenta.

Em outra edição, na mesma coluna, encontramos o seguinte comentário na publicação *Hora de calor*:

O nosso diálogo foi interrompido pela galante melindrosa que, indiferente ao vento que soprava no seu vestido de fina seda, deixou aguçar os nossos olhos, aquela delicada parte do seu corpinho em formação, como se assim procedendo concorresse para enaltecer, já, os seus valores... de mulher. E ante o escândalo que tais atitudes devem provocar e o futurismo aceita como escola de progresso dos nossos dias fique neste registro, mais um fato positivo para a grande *feira de amostras* da vida que passa.<sup>100</sup>

O magazine *Unica*, evidencia que um dos seus motes era incutir nos leitores e leitoras a importância de “ver e ser visto”, apresenta a melindrosa como uma expressão da mulher moderna, sexualizada pelas amostras descritivas dos seus corpos, envolta de frivolidade presente no consumo das modas, evidenciadas nos comentários acima. A coluna em destaque (*Feira de amostras*) favorece a exibição de narrativas que sinalizam as atividades do cotidiano

<sup>98</sup> *Unica*. Mensário Ilustrado, Número 2. Ano I. Bahia, ago. – 1929, p. 14.

<sup>99</sup> *Unica*. Mensário Ilustrado, Número 5. Ano I. Bahia, nov. – 1929, p. 7.

<sup>100</sup> *Unica*. Mensário Ilustrado, Número 6. Ano I. Bahia, dez. – 1929, p. 6.

e as relações entre os gêneros nos espaços públicos, além das fotografias, ilustrando alguma tendência do momento. Apesar de por vezes aparecer alguma crítica às escolhas da mulher moderna pelos artigos propagados pela moda e o destaque às atitudes que causariam escândalo, o colunista evidencia que os modos compartilhados pelo “novo padrão” assumem uma certa necessidade para as mulheres que almejam o progresso. As palavras “evolução”, “revolução”, “progresso” e “futurismo” indicavam a inserção do conjunto de signos vislumbrados pelas urbes modernas à sociedade baiana e à cidade soteropolitana.

A “figura desvirtuante” afeta a hierarquização dos sexos, ao tempo que indica um certo nivelamento social. Oriunda dos espaços urbanos, o “pedacinho de mulher”, representa a jovem elegante despreocupada que assumia um estilo trabalhado, cabelos curtos – sua marca registrada –, maquiagens destacadas, saias abaixo ou pouco acima dos joelhos, sobancelhas desenhadas, braços expostos, batons vermelhos, chapéus estilo *clochê* e sapatilhas, exibiam um comportamento divergente daqueles que se esperavam de uma moça tradicional da época, “pois fumavam, dirigiam, dançavam ritmos quentes, andavam frequentemente sem a presença masculina do pai, ou irmão, frequentando chás, magazines, confeitarias, cafés e festas, além de usarem lançar *flirts* insinuando-se aos homens”.<sup>101</sup>

O arquétipo feminino: melindrosas, rompe com os modos definidos à mulher das camadas abastadas do século XIX, que raramente atravessavam os limites domésticos. Tais modificações aparecem detalhadas por *Unica* ao retratar visitas das senhorinhas aos cinemas, lojas de produtos variados, concursos de beleza, praias, comemorações cívicas, a exemplo das fotografias publicadas no *7 de setembro social e elegante*, além das “vespertinas *chics*” no Teatro Guarany, *Às quintas-feiras* – evento produzido pela direção do ilustrado para suas leitoras, que facilitou a entrada grátis através do cupom destacável no final da edição número 3, em setembro de 1929. Os tempos modernos oportunizaram novas sociabilidades às mulheres das camadas média e alta.<sup>102</sup> As ruas, outrora impedidas a elas, agora lhes eram espaços em que facilmente eram vistas.

---

<sup>101</sup> NASCIMENTO, Alcilde Cabral; MELO, Alexandre Vieira da Silva. Melindrosas em revista: Gênero e sociabilidades do início do século XX (Recife, 1919-1929). *História Revista*, ISSN-e 1984-4530, ISSN 1414-6312, vol. 19, n.º 3, 2014. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5013476>. Acesso em: 19 de jun. de 2023, p. 10.

<sup>102</sup> É importante evidenciar que as mulheres das camadas populares já sobreviviam há muito tempo em múltiplos espaços sociais, incluindo atividades de trabalho em domicílios, desempenhando funções como cozinheiras, empregadas domésticas, passadeiras; serviços em fábricas e pelas ruas da cidade, como vendedoras, lavadeiras e meretrizes. Amanda Gatinho Teixeira realiza uma importante contribuição ao lançar o olhar para as mulheres trabalhadoras de Belém, em *Reflexões sobre as vestimentas das trabalhadoras populares de Belém, na primeira metade do século XX, a partir das pinturas de Carlos de Azevedo, Antonieta Feio e Andreilino Cotta*, 2023.

O magazine procurava impor à “sociedade fina” da Bahia e, especialmente, às moças o “novo” em vários setores. A novidade, que ao mesmo tempo não alterava o “velho”, se apresentava não para remodelar a realidade, mas para desempenhar o pano de fundo para as efervescências femininas por liberdade e progresso que agitavam a nação e o mundo; para mascarar/silenciar movimentos sociais de muitas reivindicações de direitos, e manter os padrões de submissão à figura masculina (pais e maridos), além da limitação das mulheres à vivência doméstica. No entanto, o que o ilustrado não pretendia perder de vista era o potencial econômico de consumo que as mulheres representavam para o mercado. A matéria *A alma das ruas*, publicada em dezembro de 1929, aliada à figura 02, aponta para a sutileza em que o mensário se valia para influenciar o consumo pelo gênero:

Ora! Perguntei, por perguntar. Bem se vê que lá já estiveste. Que belas vitrines, hein?! E aquela exposição de perfumarias “GABILA!” Que tentação é aquela rua Chile: que alma encantadora tem ela. E o teu mesmo espírito que por ali já se derrama, Julieta, e dá vida e poesia e aroma àquela rua! E a rua Chile é o teu reino. Ali tu és dominadora. Todos se curvam diante da tua real beleza [...] todas as vitrines alegremente te sorriem, na variedade de seus tons e aspectos, desde o “Royal Palace” até a Casa Atlas – o ponto predileto das melindrosas de bom gosto.

Utilizando uma linguagem literária, o fragmento do tópico *A alma das ruas* realiza um “jogo” de indução à compra, ao descrever de forma poética a relação das melindrosas/mulheres modernas com a rua Chile, endereço comercial da elite baiana do período, incluindo o efeito notadamente dissimulado em que sugere as lojas, como a Casa Atlas – estabelecimento de venda de calçados de luxo –, que continha diversas propagandas encontradas nas páginas das edições. A figura 02, dentro da mesma lógica, recomenda outro ponto rentável, a Casa de sapatos *Pax*. A representação dos estereótipos de baianas modernizadas ganha contorno com os textos apontados, ao evidenciar o sentido gerado pelos sinônimos propagandeados: “mulher moderna”/ “mulher consumista”.

Figura 02 – A alma das ruas.



Fonte: *Unica*, Salvador, ano 1, n. 7, Dezembro de 1929, p. 11.<sup>103</sup>

O visual das senhorinhas, “capturadas” pelos fotógrafos, remete à imagem da melindrosa, esteticamente apresentadas com seus vestidos acima dos joelhos, o corte de cabelo curto, as pérolas e o seu inseparável *clochê*. A modernização ganha as ruas de Salvador, e o consumo em massa – típico das sociedades capitalistas – atravessa os grupos sociais a partir da imagem feminina inventada. A imagem evidencia algumas mulheres consideradas modernas caminhando pela rua Chile e outras admirando a vitrine de uma loja. Chama a atenção a presença de crianças com vestimentas também sintonizadas com a moda vigente. Assim, idealizava-se e ensinava-se formas de ser e de conviver.

Leoní Serpa, ao descrever o fenômeno menciona a seguinte argumentação de Coelho Teixeira:

De qualquer modo, deveria ser bastante claro que, embora os grupos consumidores sejam em pequena proporção diante da população nacional e embora os produtos da indústria cultural sejam dirigidos diretamente a eles, sobre eles e a partir deles é gerada uma produção cultural que acaba por afirmar-se e estender-se, embora não homoganeamente, a todos os demais grupos sociais não consumidores. E estes grupos acabam por consumir simbolicamente aqueles produtos dirigidos à pequena minoria. E isto quer através da atividade imaginária de participação naqueles produtos e naquela cultura, quer através da participação também ilusória [...] Seja como for, esses meios de comunicação de massa acabam produzindo uma estrutura cultural

<sup>103</sup> Arquivo pessoal (digitalizado).

que se torna impositivamente comum ao número de atingidos por esses meios...<sup>104</sup>

Conscientes ou não desta lógica, os dirigentes da *Unica* optaram por uma comunicação mais direcionada às patricias, apesar de não se enquadrar como uma revista feminina. Cabe lembrar que não havia mulheres trabalhando ou colaborando com a revista, então o que se difundia sobre as mulheres era na perspectiva e expectativa dos homens. De acordo com Coelho Teixeira, dentro da comunicação de massa é produzida uma concepção cultural irradiada para demais camadas sociais, alcançando mais consumidores, mesmo que de maneira simbólica. Assim, dirigida ao público de maior influência aquisitiva, sobretudo às mulheres, a comunicação da *Unica* tinha o objetivo de propagar uma cultura específica, a cultura baiana idealizada e alimentada por influências estrangeiras, oferecendo uma ideia “de novo, de mudanças, de moderno”.

A melindrosa<sup>105</sup> brasileira, composta pelas influências que vieram da Europa e dos Estados Unidos, foram disseminadas, sobretudo, pelo cinema estadunidense. Nascimento e Melo, ao citarem Susan Besse, indicam que “[...] o cinema foi, talvez, a mais óbvia das revoluções modernas das comunicações que contestaram os estereótipos e papéis de gênero tradicionais”.<sup>106</sup> Os temas relacionados ao cinema, tanto estrangeiro, quanto nacional, ocupavam extensas colunas do mensário ilustrado *Unica*, além das divulgações sobre os filmes em cartaz, diversas imagens de artistas, em sua maioria femininas, encontraram espaço na revista. Publicações como: *Os grandes filmes da “United Artists” na presente temporada; Os melhores artistas nos melhores filmes; O próximo sucesso Fox: Amor cubano*, entre outras, transparece a difusão dos arquétipos modernos em território baiano, disseminados pela mensagem semiótica propagada pelas imagens, juntamente com conselhos sobre as tendências estrangeiras que gradualmente exerceram influência no molde das novas subjetividades.

As moças das camadas abastadas dos anos 1920 passavam o seu tempo reproduzindo *modelitos* estrangeiros, divulgados tanto pelas revistas, quanto pelo cinema que se encontrava no seu auge dentro da configuração urbana. Segundo Nascimento e Melo, o mundo cinematográfico colaborou para a construção de uma nova “teatralidade feminina”, local onde seria reivindicado também os desejos de liberdade, reafirmando a mulher como objeto de paixão

<sup>104</sup> TEIXEIRA, Coelho. 1980, p. 85 *apud* SERPA, Leoní Teresinha V. 2003, p. 98-99.

<sup>105</sup> “É preciso lembrar que melindrosa era apenas uma das formas como estas jovens cheias de novidades eram chamadas. Talvez, o termo tenha vingado por elas se terem afeiçoado a ele, mas o que acontecia é que havia quem preferisse chamá-las simplesmente de ‘mulheres modernas’”. MEDEIROS, Hugo A. V. Melindrosas e almofadinhas: relações de gênero no Recife dos anos 1920. **Revista do programa de Pós-graduação em História**. Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 93 – 120, jul. - dez. 2010, p. 111.

<sup>106</sup> BESSE, Susan. 1999, p. 26 *apud* NASCIMENTO, Alcileide; MELO, Alexandre. 2014, p. 9.

e perdição do desejo masculino, além de figurarem uma cultura feminina dependente do consumo e das mercadorias.<sup>107</sup> Entretanto, as ressalvas indicadas pelos colunistas da *Unica* nos comentários supracitados da coluna *Feira de amostras*, indicam que havia entre a sociedade recusas para o novo arquétipo feminino que se apresentava, expressas na frase: “ante o escândalo que tais atitudes devem provocar”, se referindo aos comportamentos das jovens melindrosas e que provavelmente esbarrava na censura dos mais recatados e conservadores.

E eis a ambiguidade que estavam fixadas as mulheres das alta-rodas social baiana nos anos finais da década de 1920: entre a manutenção das tradições ou na moderna mudança de comportamentos. Os produtores de *Unica* apontavam para uma certa defesa da inclusão dos hábitos modernos, mas que permanecesse a feminilidade, e a submissão em nome da família, afinal, de um modo geral “[...] esperava-se que as mulheres cultivassem uma aparência exterior de sofisticação moderna, e, ao mesmo tempo conservassem as “eternas” qualidades femininas de recato e simplicidade”.<sup>108</sup>

### 2.3 “Só não lhes desejo casamento”: a ambiguidade da mulher moderna na *Unica*

A visualidade feminina nos espaços públicos construída pelo mensário, não ocorreu de forma harmônica. Percebemos uma disputa nos discursos que revelam uma certa ambiguidade relacionada ao arquétipo da mulher moderna representada no periódico, evidenciando um embate sobre os limites que o gênero poderia alcançar ao romper convenções tradicionais. Não são raras as publicações que criticavam e censuravam o modo como as mulheres deveriam se comportar dentro das relações familiares, ao relacionar as atividades domésticas com as suas novas ocupações públicas. Em uma das páginas da edição número 7, encontramos a coluna *Escola Comercial Feminina*, com a seguinte nota:

A Escola Comercial feminina solta, todos os anos, uma porção de mulheres, bonitas quase todas, aptas para agir em nosso comércio, em nossas repartições, em nossa vida agitada de barbados e barbudos. *Unica* reuniu neste cliché algumas delas. E deseja sinceramente a essas [...] uma porção de felicidades terrenas possíveis, no ramo comercial, utilitário e prático. Só não lhes deseja casamento. Porque afinal de contas, os maridos, coitados, não hão de ficar em casa tomando conta dos meninos.<sup>109</sup>

Essa crítica revela que, mais do que defender um novo arquétipo feminino, os editores buscavam impor algum controle no modo como a imagem era construída, de forma velada pelos elogios entusiastas, mascarando a dominação masculina. A mulher que assumia papéis públicos, não deveria casar-se, uma vez que a naturalização do cuidado dos filhos estava

<sup>107</sup> NASCIMENTO, Alcileide; MELO, Alexandre. 2014, *op. cit.* p. 12.

<sup>108</sup> BESSE, Susan. 1999, p. 26 apud NASCIMENTO, Alcileide; MELO, Alexandre. 2014, *op. cit.* p. 18.

<sup>109</sup> *Unica*. Mensário Ilustrado, Número 7. Ano I. Bahia, dez. – 1929, p. 30.

alinhada ao gênero, e ao homem não competia tal função. O texto revela, também, a diferenciação dos mundos masculinos e femininos, ao indicar as atividades comerciais, utilitárias e práticas aos “barbudos”, e as educativas ao “sexo belo”. “Conformava a mentalidade da elite brasileira do início do século XX a ideia de que cabia à mulher a principal responsabilidade na educação/formação do futuro cidadão”<sup>110</sup>, e o modelo seguia as estruturas sociais idealizadas por *Unica*. Observamos que o processo em torno da nova visualidade da mulher moderna estava marcado por relações entre os gêneros dialógicas e conflituosas.

Outro exemplo dos controles sociais relacionados ao gênero feminino, encontra-se na publicação *As Evas da Atualidade: maneira prática da mulher prender o homem na cadeia do amor*, escrita por Frederico Rosa<sup>111</sup>. Para ele,

É preciso também que a mulher jamais cuide em aparecer vulgar ante o homem. Não há nada que mate a ilusão, mais rápida e violentamente, como a vulgaridade (Greta Nissen). [...] Na verdade, talvez ninguém como ela, até hoje, soubesse tão bem definir o caráter do homem para com a mulher. O homem embriaga-se e fica subjugado, enleado, ante todo o mistério que irradia da amada (colunista).<sup>112</sup>

O texto se configura em um recorte de uma entrevista realizada com Greta Nissen, estrela do universo cinematográfico. Fazendo o seu papel de propagandista de um referencial a ser seguido pelas mulheres baianas, o ilustrado apresentava o discurso da artista como exemplo de idealização feminina a ser seguido, evidente no comentário do colunista – lembrando que o corpo editorial do ilustrado era composto por homens. Tal perspectiva aponta para o reforço da ‘moralização’ dos costumes direcionados às mulheres pela visão masculina, dentro dessa lógica, a concepção conservadora do mensário aparece, aliada aos aspectos da cultura evidenciados com as divulgações de casamentos, noivados e bodas, fotografias das famílias da elite, práticas religiosas e educativas, e o bom comportamento, que constituíam os aspectos do modelo idealizado de mulher.

A revista ilustrada também realizava a divulgação de instituições que surgiam buscando promover as atividades do âmbito doméstico entre as mulheres. Apesar de algumas citações do advento feminino em questões políticas, e das “evoluções e revoluções” ocorridas no período, não se divulgava a promoção da ocupação desses espaços pelo gênero. Em outubro de 1929, *Unica* promoveu a Academia Baiana de Corte, local onde os editores apontavam como auxílio

<sup>110</sup> AMARAL, Marivaldo Cruz. Mulheres, imprensa e higiene: a medicalização do parto na Bahia. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.15, n.4, out.- dez. 2008, p. 934.

<sup>111</sup> Segundo informações contidas no mensário, Frederico Rosa era um escritor português, diretor da *Fox Revista*. Em ocasião da matéria dirigida à *Unica*, a personalidade estava em Portugal para tratamento de uma enfermidade não indicada pelo corpo redacional do magazine. Rosa, segundo os redatores da *Unica*, teria enviado a coluna juntamente com uma carta íntima direcionada a Amado Coutinho.

<sup>112</sup> *Unica*. Mensário Ilustrado, Número 5. Ano I. Bahia, dez. – 1929, p. 31.

à prática dos afazeres do ambiente familiar, e como “um caminho para uma profissão digna e lucrativa”.<sup>113</sup> Os cursos da academia serviam para aperfeiçoar as atividades relativas ao serviço do lar. Matérias dessa categoria retroalimentavam muito mais a concepção/identificação de uma mulher doméstica do que uma mulher que almejava autonomia na vida pública.

As identidades, contudo, como sinaliza Gruzinski *apud* Hugo Medeiros, não são neutras: existe no conceito algo de impreciso, volátil, heterogêneo, pois “cada criatura é dotada de uma série de identidades, ou provida de referências mais ou menos estáveis, que ela ativa sucessiva ou simultaneamente, dependendo dos contextos”.<sup>114</sup> Posto isto, identificamos em determinados momentos, choques entre as condutas esperadas das mulheres, “pois a carga social aplicada sobre elas” exigia “uma plasticidade e um ‘jogo de cintura’ dentro das condições que se lhes ofereciam, o que, com uma frequência considerável”, conduzia “ao destaque de uma ou outra ‘identidade’”.<sup>115</sup> Analogamente, percebemos as permutas e confrontos nas vezes em que as convenções e sentidos tradicionais dos gêneros se notam ameaçados pelos arquétipos da mulher moderna, que se movimentam por novos espaços, e assumem comportamentos que foram naturalizados aos homens.

As variações na configuração do gênero passavam pelo tradicionalismo/modernismo: enquanto existiam comentários como “caminhando pari-passo com o progresso [...] ninguém desconhece o valor da mulher no comércio, nas indústrias, nas letras, nas artes e até mesmo na... política”,<sup>116</sup> em contrapartida a frase publicada: “Só não lhes desejo casamento” aponta para o efeito negativo das atividades públicas no ambiente familiar, gerando um espaço de tensão evidente ao ideal reafirmado pelas páginas do mensário à constituição da família burguesa, exibidas pela quantidade significativa de fotos de casamentos e considerações sobre os eventos matrimoniais. A divisão sexual do trabalho, aparecia idealizada na revista.

Em uma matéria lançada, enaltecendo as *professorandas do Gymnasio São Salvador*, vemos mais uma censura à mulher moderna, na imagem das melindrosas: “*Unica* edificou esta pirâmide, pedra a pedra. Cada pedra é uma cabeça de mulher. Não essa mulher melindrosa, fútil, banal, de cabelos curtos e ideias curtíssimas. Mas a mulher que estuda...”.<sup>117</sup> Com a publicação do comentário, os produtores demonstram o contraste com o perfil apresentado pela

<sup>113</sup> *Unica*. Mensário Ilustrado, Número 4. Ano I. Bahia, dez. – 1929, p. 14.

<sup>114</sup> GRUZINSKI, Serge. 2001, p. 53 *apud* MEDEIROS, Hugo A. V. Melindrosas e almofadinhas: relações de gênero no Recife dos anos 1920. **Revista do programa de Pós-graduação em História**. Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 93 – 120, jul. / dez. 2010, p. 101. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/1958/1609>. Acesso em: 24 de nov. de 2024.

<sup>115</sup> MEDEIROS, Hugo A. V. 2010, *op. cit.* p. 101.

<sup>116</sup> *Unica*. Mensário Ilustrado, Número 6. Ano I. Bahia, dez. – 1929, p. 30.

<sup>117</sup> *Unica*. Mensário Ilustrado, Número 6. Ano I. Bahia, dez. – 1929, p. 6.

revista em outras colunas, que exibiam as mulheres modernas baianas. A ambiguidade notada nas publicações do ilustrado, revelam o conceito velado adotado pelos editores: as senhorinhas poderiam, sim, absorver os novos padrões de comportamento, especialmente os que estão interligados ao consumo e aos novos contornos de beleza e elegância, mas não deveriam deixar de lado as convenções antigas dos costumes tradicionais, essas, para eles, ameaçadas pelas novas ocupações femininas fora do lar.

A naturalização apresentada: o papel essencial da mulher como educadora, estava aliançada à ideia da continuidade do ciclo comum à época: casar, ser uma boa esposa, ter filhos – considerados “gente de amanhã” em colunas intituladas por *Infância de hoje: esperanças de nossa pátria*, com fotografias de crianças da elite, incutindo a ideia da hierarquização social e manutenção de poder entre as classes. Esse perfil feminino também era considerado moderno “porque ela era livre para ser boa consumidora e cuidar muito bem do corpo, mas, precisava continuar presa intelectual e socialmente aos mesmos padrões de vida de suas mães e avós”.<sup>118</sup> A valorização do moderno, latente em *Unica*, muito embora reivindicasse da mulher uma modernização, ela deveria acontecer no sentido do consumo e ‘higienização’ e não relativo a uma reconfiguração de hábitos e costumes, principalmente dos mais íntimos ao amor e ao casamento.

Os críticos temiam que as que (sic) cultivavam a nova imagem da mulher independente, ousada e sexualmente provocante sofreriam uma revolução de consciência que ameaçaria profundamente a família; temia-se também que as mulheres não pudessem abraçar a moralidade do mercado sem que isso levasse o “materialismo” a triunfar sobre os “valores humanos” na esfera pessoal.<sup>119</sup>

A resistência dos homens – e de algumas mulheres<sup>120</sup> – expressam a força que a aparição das novas mulheres tinham naquele contexto, o que estava entrelaçado às movimentações sociais, provenientes das invenções modernas, como o cinema, que impunham novas maneiras de “ser e estar no mundo”. Foi preciso reordenar, recombina de forma que pudesse lidar com as novidades. Apesar da ambivalência, esta urgência ficou evidente nas divulgações do magazine baiano, as mulheres modernas ocupavam os espaços urbanos e suas variadas configurações geravam burburinhos entre as pessoas. Nesse conjunto de disputas entre o

<sup>118</sup> SERPA, Leoní Teresinha V. A máscara da modernidade: a mulher na revista O Cruzeiro (1928-1945). **Dissertação (mestrado) – Universidade de Passo Fundo**, 2003, p. 56.

<sup>119</sup> BESSE, Susan. 1999, p. 37-40 *apud* MEDEIROS, Hugo A. V. 2010. *op. cit.*, p. 113.

<sup>120</sup> O conceito de gênero não se classifica como sinônimo de um agrupamento de pessoas com homogeneidade de aspirações, interesses e percepções. Ao contrário, as relações que ocorrem dentro do mesmo gênero, estão relacionadas com aspirações individuais (ou de subgrupos), que nem sempre estão em conclusão com a maioria (MEDEIROS, Hugo. 2010).

moderno e o tradicional, a revista transportou a “submissão total” das mulheres, das camadas médias e altas aos cônjuges para os ditames do consumo.

Dentro da lógica do fortalecimento da família nuclear, enlaçada às alterações modernas da urbe, existiram edições especiais, produzidas pela *Unica* para evidenciar a “venda de imagem” de outros municípios baianos. Entre as primeiras edições da revista *Unica* destacamos a edição extraordinária voltada para a cidade de Alagoinhas, encomendada por políticos e comerciantes locais. O objetivo da publicação era retratar detalhadamente o processo de modernização do município no interior do estado. A proposta de apresentar fotografias da cidade e seus moradores aponta para a preocupação do periódico com um duplo movimento: estimular o curso de adoção e constituição de uma nova visualidade urbana, estimulando o consumo bem como captar tais alterações no espaço e dos comportamentos idealizados à “alta-roda social” local, aspectos que serão discutidos a seguir.

## Capítulo 03

### Naturalização do *status quo*: perfis da elite alagoinhense

Alagoinhas!

Cidade linda, erguida, pedra a pedra, para o entusiasmo dos nossos olhos e para a satisfação do nosso orgulho! Nos passos agigantados com que percorres a trilha infinita do Progresso [...].

*Unica* te saúda, na honestidade de tua administração [...]

[...] Na fertilidade exuberante do teu solo! Na magnificência do teu trabalho! Na alma grandiosa da tua gente! No coração magnânimo dos teus filhos! Na beleza soberana das tuas mulheres!<sup>121</sup>

A citação acima – poema presente na abertura da edição extraordinária da revista *Unica* dedicada a cidade de Alagoinhas – transfere, em forma de versos, as expressões e representações de uma cidade que suas elites aspiravam que avançasse a todo vapor rumo ao “progresso”. Se valendo da justificativa da recente inauguração da usina elétrica, em 22 de setembro de 1929<sup>122</sup>, a homenagem permeada de significações, pretendeu divulgar, sobre o município e sua população, fração dos padrões estéticos hegemônicos valorizados como expressão de cultura, à época da sua publicação. Redigido por Amado Coutinho, diretor e editor do magazine, o poema ressalta e exalta o processo de edificação e expansão local, ao destacar o desenvolvimento das ações administrativas e comerciais em mescla com a idealização de características femininas, que compõem o ideário importado europeu. O objetivo central desta análise, consiste em perceber a dinâmica entre a urbanização, formação do espaço, os usos sociais e os ideários em torno do “homem e da mulher alagoinhense”.

Alagoinhas, considerada a “porta aberta do sertão” por Ruy Barbosa, segundo Major Julio de Mello em seu comentário transcrito nas páginas da edição especial da *Unica*<sup>123</sup>, viveu, de acordo com Kate Lima, o período de transição do século XIX para o século XX configurando-se como um polo atrativo graças a sua expansão comercial e o seu entroncamento ferroviário, fator que ordenou a urbe ao *status* de epicentro das cidades sertanejas, obtendo relação direta com Salvador.<sup>124</sup> Tal perspectiva foi notadamente evidenciada ao longo da edição que aponta a relação entre os governantes da cidade com personalidades políticas como o Senador Dantas Bião, o Governador do Estado Victal Soares e o Deputado Carlos de Azevedo, além de representantes dos demais municípios que enviaram telegramas elogiosos a cidade que

<sup>121</sup> *Unica*. Mensário Ilustrado, Número extraordinário. Ano 1. Bahia, 15 out - 1929.

<sup>122</sup> LIMA, Kate Maria Santos do Nascimento. Entre a ferrovia e o comércio: Urbanização e Vida Urbana em Alagoinhas (1868-1929). **Dissertação (mestrado) – UFBA**, Salvador, 2010. P. 13.

<sup>123</sup> *Unica*. Mensário Ilustrado, Número extraordinário. Ano 1. Bahia, 15 out – 1929, p. 13.

<sup>124</sup> LIMA, Kate. 2010. op. cit., p. 74.

marchava “ascendente para a conquista do requinte de civilização” e ao seu prefeito, a exemplo de Mata, Ilhéus, Catu, Feira de Santana e Santa Rita.<sup>125</sup>

A teia de relações políticas aponta para o lugar de destaque que Alagoinhas ocupava na economia do Estado, “à medida que se tornava um entreposto comercial importante e passagem obrigatória para se chegar ao interior da Bahia”<sup>126</sup>, o seu rol de influência se ampliava com a expansão do comércio local. As últimas páginas do impresso extraordinário da revista *Unica* serviu como verdadeira vitrine das casas comerciais do município, responsáveis pelo auxílio financeiro da edição, entre elas estão: *Joaquim Cravo & Filho* (fumo); *Adolpho Campos & Filho* (fábrica de sabão e depósito de aguardente); *Dionysio Soares de Andrade* (ferragens, louças, tintas, etc.); *Rogaciano Vasconcellos* (óleos, arreios, vidros, etc.); *Vantajosa* de Joel de Carvalho (chapéus, calçados, enxovais, etc.); *Padaria São José*; *José Galdino Maia* (armazém de secos e molhados); *Francisco da Costa Baptista* (fumo e cereais); *A Confiança* de José Josias (alfaiataria e artigos para homens); *Loja Gloria* de Vespaziano Pinto (miudezas, calçados, chapéus); *Armazém de molhados* de Pedro Marques de Carvalho (gêneros alimentícios e bebidas) e a Agência *Ford*.<sup>127</sup>

Nesse período a sustentação financeira da imprensa provinha majoritariamente das amplas páginas cedidas à publicidade e a participação de acionistas interligados ao âmbito comercial local. A encomenda da edição extraordinária de *Unica* ocorreu pela junção de interesses políticos e do mercado, espaços dominados pela figura masculina, evidente nas nomenclaturas das casas comerciais locais, e nas citações realizadas aos seus governantes. Em prol da divulgação da cidade que se desenvolvia e de uma certa intenção em naturalizar as famílias que ocupavam a administração pública e o comércio local, a edição encomendada realizou a “venda da imagem” urbana, bem como dos componentes da alta-roda alagoinhense.

Os conteúdos apresentados nas páginas do magazine, englobam temáticas que envolvem, além dos anúncios das casas de comércio da cidade a divulgação das “personalidades da alta roda social”; cobertura da inauguração e festividades do serviço de energia elétrica; promoção dos concursos das “Rainhas”; anúncio das felicitações direcionadas ao Coronel Saturnino da Silva Ribeiro, Prefeito da cidade e um dos financiadores da edição extraordinária, em análise; exposições fotográficas das famílias que integravam a classe governante e empresarial, tão-somente. Além das produções literárias visíveis ao longo das páginas, destaca-

<sup>125</sup> *Unica*. Mensário Ilustrado, Número extraordinário. Ano 1. Bahia, 15 out – 1929, p. 5.

<sup>126</sup> LIMA, Kate. 2010, *op. cit.* p. 74.

<sup>127</sup> *Unica*. Mensário Ilustrado, Número extraordinário. Ano 1. Bahia, 15 out – 1929, p. 21-23.

se o volumoso acervo de materiais imagéticos que exprimem o perfil idealizado dos habitantes que faziam parte da considerada “alta sociedade” do município.

Ana Carolina Soares e Neide Célia Barros, ao realizarem reflexões sobre as publicidades contidas na *Revista Feminina* afirmam que, já no início do século XX encontrava-se contido nas páginas dos periódicos o “influxo de informações para talhar a mulher aos moldes ansiados pela sociedade, e ao mesmo tempo, ensinar a esta mulher as normas adequadas socialmente, ou seja, como ela deveria ser, parecer e qual era o seu papel nesse grupo”.<sup>128</sup> No que diz respeito a edição da *Unica* destinada à Alagoínhas, o cruzamento entre as reproduções e construções dos valores comportamentais da mulher *versus* o papel designado ao homem e o processo progressista ufanista do município, destravam a compreensão dos aspectos de identificação e memória de determinado extrato dos moradores locais. Apesar de não ser direcionada com exclusividade ao público feminino, o ilustrado permite a visualização do *modus operandi* direcionado ao grupo.

Para Alagoínhas, assim como para diversos outros centros urbanos brasileiros, o surgimento da República marcou muito mais do que alterações na estrutura política local, instalou-se de igual modo mudanças (ainda que lentas) mas graduais da sociedade, visíveis nas inovações dos hábitos e costumes, na maneira de vestir, na chegada de novas atividades econômicas e sociais, embaladas por novidades técnicas e materiais, e na “[...] hegemonia de discursos técnicos, confiantes em representar a vitória inelutável do progresso e por isso dispostos a fazer valer a modernização ‘a qualquer custo’”.<sup>129</sup>

No que diz respeito a cidade de Alagoínhas, Keite Lima, ao analisar as *Atas da Sessão do Conselho Municipal*<sup>130</sup> constatou que a administração pública local na década de 1920 esteve empenhada em realizar obras urbanísticas que consideravam o embelezamento da cidade e solucionar problemas de infraestrutura herdados dos anos anteriores. Para ela,

As propostas apresentadas à Câmara visavam ampliar o leque de intervenções na cidade focada na construção de espaços que viabilizassem o encontro, a troca, o lazer. Alguns projetos apresentados foram colocados em prática como a instalação de coretos nas praças, destinados à apresentação das filarmônicas da cidade, a construção de uma nova igreja e a de um Pavilhão Bar no centro da Praça do Comércio que se tornou um dos principais pontos de reunião dos comerciantes, dos políticos e das senhoras e senhoritas, filhas das tradicionais famílias da cidade. Outros, porém não passaram de desejos irrealizáveis como:

<sup>128</sup> SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho; BARROS, Neide Célia Ferreira Barros. As propagandas da Revista Feminina (1914-1936): A invenção do mito da beleza. *Oficina do Historiador*, Porto Alegre, EDIPUCRS, v.7, n.1, jan.- jun. 2014, p. 108.

<sup>129</sup> SEVCENKO, Nicolau (2006) *apud* LIMA, Keite Maria S. do Nascimento. Entre a Ferrovia e o Comércio: Urbanização e Vida Urbana em Alagoínhas (1868-1929). **Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia**, Salvador, 2010, p. 75.

<sup>130</sup> Atas arroladas pela autora: 17/05/1920; 20/08/1924; 13/02/1925; 13/07/1927; 11/02/1929.

a instalação de uma vila operária e de uma empresa de auto-ônibus que ligaria Alagoinhas a Inhambupe, um balneário nas margens do rio Catu, acompanhado de um bar-café.<sup>131</sup>

Foi nesse contexto de remodelação urbana, adoção e propagação de novos hábitos que encontramos uma cidade que para além das modificações no cenário almejava projeção e reconhecimento no Estado da Bahia como uma “urbe progressista e civilizada”. Dentro deste contexto puramente influenciado pelas ideias progressistas europeias, e ainda envolto no sistema de crenças positivistas que incitou a instauração da República Brasileira, a revista abriu espaço para depoimentos e pronunciamentos sobre a cidade, declarações certamente selecionadas com o intuito de evidenciar os aspectos que se buscou divulgar da progressista urbe, perceptível no discurso de Hans Kurt Stadthagen – representante da firma Kalkmann Irmãos Limitada, responsável pela edificação da usina elétrica. Para ele,

“Ordem e progresso”, estas palavras de significação que ornamentam a bandeira nacional, também altamente estimada por nós estrangeiros e nunca propositadamente ofendida: - “Ordem e progresso”, esta ideia elucidativa hoje se vê transformada na evidente realidade, nesta Cidade de Alagoinhas, onde a técnica moderna pela primeira vez em larga escala entra, como um dos fatores principais para conduzir o país a um futuro realizador de tantas possibilidades, por enquanto talvez só, sonhadas e ambicionadas por todos os patriotas.<sup>132</sup>

A ideia de modernidade era o espectro que envolvia as narrativas sobre esse “progresso” de Alagoinhas, e conseqüentemente refletia nos arquétipos idealizados aos seus habitantes. Percebemos – sem eliminar as peculiaridades de cada cultura/grupo/cidade – os cruzamentos entre as aspirações que atingiam outras localidades do país, como o Rio de Janeiro, São Paulo, Belém, Salvador, entre outras áreas brasileiras, com as evidências e a “venda de imagem” pretendida pelos dirigentes políticos e comerciais alagoinhenses, que exprimem as relações sociais e alterações/intenções dos comportamentos considerados como “requisite de civilização”.

A década de 1920 caracteriza e carrega consigo modificações e efervescências no comportamento e na representação dos gêneros de forma ambígua. Para o público feminino alargaram-se os almejos de liberdade e suas vivências, sobretudo em aparições e responsabilidades públicas. Entretanto, as páginas da edição especial da *Unica*, redigida por homens, revela o poder simbólico do homem e a pressão social na imagem da mulher do lar, na qual sua única preocupação deveria ser a de se casar e constituir família, reafirmando os papéis e oposições entre os gêneros, tão demarcados no período.

<sup>131</sup> LIMA, Kate. 2010. *op. cit.*, p. 109.

<sup>132</sup> *Unica*. Mensário Ilustrado, Número extraordinário. Ano I. Bahia, 15 Out – 1929, p. 15.

Em comparação com os demais impressos do magazine investigados nesta pesquisa, a edição que homenageia Alagoinhas, expressa de maneira mais contundente as convenções tradicionais da família nuclear. Divergente às demais edições, não estão propagadas de forma acentuada a mulher moderna e suas redes de consumo, mas evidencia-se com maior número as fotografias das famílias da elite local no que parecia ser suas configurações habituais: o homem como participante e operante das movimentações públicas, sociais e do progresso da cidade, enquanto as senhoras e senhorinhas aparecem nos *clichês* como coadjuvantes ao protagonismo masculino, apresentadas em seus papéis de filha, mãe e esposa.

A mulher apresentada pela edição extraordinária da *Unica* dedicada a Alagoinhas revela o estilo que ganha força, à época: a *art déco* - movimento artístico que surgiu na Europa e influenciou as artes, a arquitetura, a moda, o cinema, o design de interiores e o automobilismo. Influência do cubismo, da valorização das formas geométricas, simetria de ornamentos e designer abstrato; Linhas retas e circulares estilizadas marcando a ideia de modernidade, o direto, rápido e simples ao que simultaneamente evoca elegância; Além de vestígios da estética melindrosa, com cortes de cabelo mais curtos, a utilização de pérolas, vestidos acima do tornozelo, defesa que abraça o “tipo ideal de mulher moderna”, educada a servir ao lar e estar ao lado de seus cônjuges acima de qualquer outra função.<sup>133</sup>

A estética melindrosa ganhou destaque entre os anos 1920, incorporando a liberdade de movimentos e atitudes. A expressão aparece em impressos, sobretudo no Rio de Janeiro de forma ambígua, prevalecendo à conotação negativa, como já sinalizado nas discussões anteriores. Entretanto, dentro dos limites dessa pesquisa, observamos o estilo que revela a mulher das camadas abastadas que circulava em espaços públicos, outrora a ela negado, porém, para essa mulher livre em suas vestimentas e em alguns comportamentos ainda perpetuava a idealização da mulher referenciada e subjugada ao homem.

As mulheres alagoinhenses difundidas pela *Unica*, foram apresentadas e descritas como “filha de...”, “esposa de...”, “senhorinha”, “senhora”, entre outros indicadores de sua relevância entrelaçados à figura masculina do pai, e/ou esposo, fragmentos dos padrões herdados da sociedade patriarcal. Em sua maioria apresentam um semblante que transmite a ideia de pureza, passividade, elegância, trajando roupas similares e perfeitamente arrumadas, com penteados intactos, maquiagem suave, expressando as suas “virtudes modelares” (figura 03).

---

<sup>133</sup> CARLONI, Karla. “Requebrando os quadris”: o jazz e transgressão feminina nas revistas ilustradas cariocas da década de 1920. *Locus: Revista de História*, Juiz de Fora, v.25, n.2, p.79-99, 2019, p 82.



Figura 04 – O homem da “alta-roda” alagoïnense



Fonte: *Unica*, Bahia, número extraordinário, Outubro de 1929, p. 9.<sup>135</sup>

Em uma das inscrições, voltada ao enaltecimento do Dr. Orlando G. Teixeira, o editorial da *Unica* descreve-o como “intelectual e diretor técnico da 4ª circunscrição agrícola do Estado, na zona compreendida de Alagoïnhas até barracão, figura que goza de grande estima em toda a sua zona”;<sup>136</sup> ao referir-se ao Dr. Jesuino de Oliveira, teceram os seguintes elogios: são credenciados “médico clínico na cidade de Alagoïnhas, em cuja sociedade goza da mais elevada estima, pela sua dedicação profissional...”<sup>137</sup>. Reconhecimentos de nível semelhante foram remetidos também a Joel de Carvalho, Victor Nascimento Filho, Dr. Dantas Bião, Dr. Carlos Azevedo, Dagoberto de Menezes e ao Cel. Joaquim da Silva Cravo. Todos louvados e enaltecidos pelos seus feitos e méritos profissionais.

As observações direcionadas às personalidades masculinas colocam em destaque suas atividades e contribuições para o desenvolvimento da urbe, destacando suas ações utilitárias e

<sup>135</sup> Arquivo pessoal (digitalizado).

<sup>136</sup> *Unica*. Mensário Ilustrado, Número extraordinário. Ano I. Bahia, 15 Out – 1929, p. 9.

<sup>137</sup> *Unica*. Mensário Ilustrado, Número extraordinário. Ano I. Bahia, 15 Out – 1929, p. 9.

governamentais, reproduzindo a idealização da ocupação dos espaços públicos pelo seu gestor por excelência: o homem. Em contrapartida, as narrativas que situam às mulheres dentro da organização da alta sociedade alagoanhense, atreladas às suas fotografias (figura 03), indicam as suas matrizes familiares e os seus aspectos físicos (apenas). Apesar das modificações do período moderno, o casamento em si manteve um papel central na vida da grande maioria das mulheres da elite.

Nas legendas, notamos as congratulações da seguinte natureza: “Senhorinha Anna de C. Baptista, filha do Sr. José Antônio Baptista, proprietário agrícola em Sítio do Meio”;<sup>138</sup> “Snr. Alípio Oliveira e sua digna consorte d. Raynelde Nogueira Oliveira, casal de destaque no meio social da bela Alagoinhas”.<sup>139</sup> Valores semelhantes são atribuídos, da mesma forma, à Ignez Perazzo Farani e à Carmem B. Souza. Tais prerrogativas, sinalizam para os resquícios da sociedade tradicional do século XIX, “baseada em ideias de superioridade masculina e de subordinação feminina [...] seu *status* era derivado de suas famílias e não de si mesmas” conforme aponta June Habner.<sup>140</sup>

Ao que parece, a única menção aparentemente tolerável para uma atuação pública para a mulher foi na educação. Assim, Auta Leal de Araújo representou esse aspecto ao ser mencionada como “digna diretora da Escola Remington Oficial de Alagoinhas”<sup>141</sup>. O contexto marcava a necessidade da alfabetização feminina para que pudessem exercer a contento seu destino eminente de esposa e mãe, fato que alcançava de forma efetiva as camadas altas sociais. “Desde o início do século XX, a sociedade brasileira esperava que as mulheres desempenhassem novos papéis no âmbito doméstico e na esfera pública. A escolarização em larga escala das meninas está associada a este fenômeno”.<sup>142</sup> Foi a partir desta época que as filhas das famílias das elites e dos setores médios adentraram aos cursos primários, o ginásio, e casualmente, o secundário.

Silva Arend, ao realizar uma importante contribuição sobre a experiência de “ser menina” e suas alterações ao longo dos séculos no Brasil, aponta que na passagem do XIX para o XX, o destino das mulheres dos setores médios e das elites já estava traçado, desde o seu nascimento, o desígnio de “casar-se bem” incutido a elas, envolvia as relações sociais entre as

<sup>138</sup> *Unica*. Mensário Ilustrado, Número extraordinário. Ano I. Bahia, 15 Out – 1929, p. 4.

<sup>139</sup> *Unica*. Mensário Ilustrado, Número extraordinário. Ano I. Bahia, 15 Out – 1929, p. 4.

<sup>140</sup> HABNER, June E. Mulheres da elite: Honra e distinção das famílias. In: PINSKY, Carla; PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova História das mulheres no Brasil**. Contexto: São Paulo, 2012, p. 43.

<sup>141</sup> *Unica*. Mensário Ilustrado, Número extraordinário. Ano I. Bahia, 15 Out – 1929, p. 4.

<sup>142</sup> AREND, Silvia Fávero. Meninas: Trabalho, escola e lazer. In: PINSKY, Carla; PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova História das mulheres no Brasil**. Contexto: São Paulo, 2012, p. 72. A autora sinaliza, também, que tal expectativa só foi alterada, e foram inseridos paulatinamente às meninas os saberes escolares antes destinados somente ao público masculino, após os anos 1970, devido às lutas feministas e ao processo de modernização.

famílias abastadas. A preocupação com a educação e o cuidado das crianças, no entanto, estavam atrelados às “criadas de servir”. Não se fazia necessário que as “sinhas” desenvolvessem tais funções e a elas cabia somente o ordenamento para que fossem executadas.<sup>143</sup> Em meio aos esforços para a implantação do “mundo moderno”, um novo modelo conjugal passou a ser recomendado: a “nova família” também exigia uma “nova mulher”.

Com as alterações, sobretudo, na concepção sobre a infância, ocorridas nos anos iniciais do século XX, o significado de maternidade/paternidade sofreu modificações, tornando-se de grande importância para os pais, a criação adequada dos filhos. “Os genitores, especialmente a mãe biológica, seriam agora os responsáveis pelos cuidados e a educação doméstica de sua prole”.<sup>144</sup> No contexto, até mesmo as brincadeiras eram indicadas conforme o que se esperavam dos homens e das mulheres, em sua fase adulta.<sup>145</sup> Arend ainda aponta que:

De acordo com os manuais de educação infantil publicados na primeira metade do século XX, as brincadeiras saudáveis eram as que não colocavam em risco a integridade do corpo da menina. Para elas, agora, apenas as bonecas, as panelinhas, os ferros de passar, as imitações de tanques de lavar roupa; e, para os meninos, os carrinhos, os barcos, as ferrovias, as bolas e as raquetes.<sup>146</sup>

Dentro dessa lógica, tanto as brincadeiras e diversões quanto a educação oficial ofertada pelos institutos de ensino, contribuíram para o processo de formação dos indivíduos em conformidade com o que se expectava das mulheres e dos homens, quando adultos. Meiguice, doçura, flexibilidade e prudência eram características consideradas femininas, ao passo que as projetadas para os meninos eram o governo, a competitividade e a força. Obtendo caráter pedagógico por influência e “jogo de atração”, a imprensa cumpria também com esse papel educador, impondo os signos da mentalidade da elite à época, aos seus pares e as demais camadas sociais que a consumiam de forma direta ou indireta.

Retornando a edição extraordinária do ilustrado, percebemos que o casamento e a constituição da familiar nuclear foi o mote central da visibilidade que os governantes da cidade de Alagoinhas quisera transmitir sobre a sua “alta-roda social” no território baiano. Os editores da *Unica* valorizavam com ressalvas a inserção do público feminino em espaços públicos, pois, no impresso, as divulgações em larga escala das “senhorinhas” em seu ambiente familiar, em oposição as raras citações, como a direcionada à Auta de Araújo, expõem as idealizações da

---

<sup>143</sup> *Idem. Ibidem.*

<sup>144</sup> *Idem. Ibidem. p. 70.*

<sup>145</sup> Esses costumes, no entanto, não foram incorporados por todos os brasileiros e suas famílias. Nem todos puderam ou quiseram ajustar-se aos comportamentos burgueses.

<sup>146</sup> *Idem. Ibidem. p. 71.*

elite masculina em torno da mulher alagoinhense. Além da manutenção dos papéis tradicionais de gênero difundidos, as evidências dos aspectos culturais do município que se buscou propagar mascaram o silenciamento das camadas populares: o pequeno lavrador, as lavadeiras, vendedores e vendedoras ambulantes, os próprios trabalhadores na instalação da usina elétrica, os feirantes, carroceiros, engraxates, as trabalhadoras domésticas, entre outros. Neste sentido, a revista assinalava uma hierarquização dos valores e da cultura de Alagoinhas, ao fixar no topo, os padrões hegemônicos da considerada “sociedade elegante”.

Os homens e as mulheres pobres, entregues aos seus empregos, que circulavam os diversos espaços das cidades, não correspondiam ao modelo idealizado sob medida para os componentes da elite. Suas relações amorosas, as famílias que instituía, em boa parte eram envolvidas no que as camadas médias e altas consideram como “imorais”. O estado civil dessa população “geralmente caracterizado por uniões não formalizadas legalmente, uma exigência que constava na constituição do governo estadual, desqualificava como matrimônio o ‘amasiamento’”.<sup>147</sup> “Assim como a mulher é o “outro” do homem, o pobre é o “outro” da burguesia”. Dentro dessa interpretação, os populares não cabiam no ideário divulgado pelo magazine *Unica*, que representava o círculo da elite masculina baiana.

Em uma sociedade profundamente diversa e desigual, hierarquizada a partir de elementos socioeconômicos e étnicos (com base, sobretudo, na “cor da pele” – herança do escravismo), não é de se espantar que, ao se comparar famílias de áreas mais urbanizadas com as áreas predominantemente rurais, as compostas por negros, brancos ou mestiços, as imigrantes e as locais, as ricas e as pobres houvesse grandes diferenças.<sup>148</sup>

Em ocasião da divulgação das festas do município decorrentes do ato de inauguração da usina elétrica, o editorial da revista ilustrada destacou que nas festividades “compareceu o que Alagoinhas” possuía “de mais seletos no seu meio social”.<sup>149</sup> A exclusão dos habitantes marginalizados, na revista, esconde os seus impactos no curso das atividades desenvolvidas no cotidiano e na história da cidade em “progresso”. Fato que indica que a “vitrine” da sociedade alagoinhense, encomendada ao periódico *Unica*, normatizava e naturalizava o *status quo* local, ao apresentar e impor a população as suas famílias dirigentes. O sentido de naturalização do governo às esferas abastadas da época, se evidencia pela coluna direcionadas à infância (figura 05), contendo imagens das crianças das camadas médias e altas, notadamente provocando uma

<sup>147</sup> ALVES, Paulo Gabriel. Gênero, Moda e Fotografia: retratos da elite porto-alegrense (1889-1914). **Dissertação de mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 2020, p. 84. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/218574>. Acesso em: 24 de nov. de 2024.

<sup>148</sup> SCOTT, Ana Sílvia. 2012, *op. cit.* p. 17-18.

<sup>149</sup> *Unica*. Mensário Ilustrado, Número extraordinário. Ano I. Bahia, 15 Out – 1929, p. 3.

familiarização com as pessoas que deveriam ocupar os futuros cargos de intendência e do comércio local, na visão dos dirigentes municipais.

Figura 05 – As crianças da “alta-roda” alagoinhense



Fonte: *Unica*, Bahia, número extraordinário, Outubro de 1929, p. 10.<sup>150</sup>

Um bom exemplo para interpretar os requisitos emitidos nos discursos do periódico sobre a naturalização do aspecto governamental dirigido à elite, e da sua manutenção fica evidente através das imagens das suas crianças. Foi a seção contida em outras edições do mensário “Infância de hoje: esperanças de nossa Pátria”,<sup>151</sup> em que os redatores registravam fotografias dos filhos das personalidades inclusas na “alta sociedade baiana”, sempre destacando suas origens familiares. A afirmação “esperanças de nossa Pátria” aponta para a ideia difundida de que os filhos dos grupos dirigentes nasciam predestinados à condução do país, e Alagoinhas, representada na edição extraordinária não fugia a essa concepção – o

<sup>150</sup> Arquivo pessoal (digitalizado).

<sup>151</sup> *Unica*. Mensário Ilustrado, Número 4. Ano I. Bahia, out. – 1929, p. 9.

importante seria a preservação da cadeia social, assim como, as desigualdades e problemas locais não necessitavam estampar as folhas do “belo ilustrado”.

Constatamos que o espaço designado para as mulheres foi muito restrito dentro da “altairoda” alagoinhense, definido pelos papéis que “a natureza” lhe havia outorgado e pelo conceito de moral imperante na época. Qualquer desvio da postura imposta poderia gerar críticas, reprovações e até mesmo a segregação social, conforme apontado em discussões anteriores. Diante disso, notamos que o mensário ilustrado *Unica* noticiou maior preocupação com os casamentos e construções familiares, a domesticidade, educação e regulamentação da “mulher moderna”, do que com a ampliação dos seus direitos legais e oportunidades de emprego. Para além, a edição extraordinária evidenciou a propagação de uma cultura única da “porta aberta do sertão”, enquanto reforçou desigualdades de gênero, reproduzindo padrões de percepção para manter a estrutura das relações entre as camadas sociais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre os gêneros, das muitas formas de existir, de se inventar, de ser, ou se apresentar ao mundo, seja através das narrativas, da moda, das fotografias, evidenciadas pelo mensário ilustrado baiano: *Unica*, um oposto ao outro, foi o que se mostrou mais própria dentro da cultura baiana publicada nos anos iniciais do século XX. Das melindrosas que ocupavam as avenidas comerciais, expressando as aspirações idealizadas à mulher moderna, as “senhorinhas” que singelamente posavam ao lado dos seus pais e cônjuges, evidenciando os resquícios tradicionais do século passado, configuram um mesmo conjunto de representações: a destinação “natural” da mulher ao âmbito privado, agora, com “liberdades de consumo”, e sua inadequação as funções utilitárias e públicas, designadas aos homens.

As efervescências e modificações das urbes marcavam a inscrição das cidades baianas na dimensão moderna, entretanto, as “convenções clássicas” apareciam mascaradas pela inserção da mulher em alguns espaços públicos – sempre com ressalvas. A “glorificação” do homem como dirigente, indicada nas imagens e comentários, não tinha o objetivo apenas de registrar, mas refletia um elemento de construção e idealização da própria realidade: a organização dos homens no período, suas atividades práticas, e “predisposição” ao governo e ao comércio, em contraste com a mulher consumista, responsável pela boa formação familiar e habitualmente bela, publicando a ordenação política, social e a diferenciação dos gêneros. *Unica*, fez a propaganda de uma sociedade sem contradições, sem disputas, “em que cada qual” tinha “seu lugar pré-definido”.

Imaginários ideais, como o descrito anteriormente, dizem muito sobre o tempo e a sociedade os quais são produtos e produtores. “Nelas, para os de sua época, o óbvio estava posto”. Hoje, lançando o olhar sobre os registros impressos no ilustrado, “os silenciados” reclamam: onde estavam as movimentações sobre os direitos femininos já anunciados e existentes à época? E os direitos políticos das mulheres, por que o silenciamento? Em face da vitrine da cultura baiana, onde estavam as camadas populares e suas manifestações? Por que uma mulher que ousava romper os limites do lar, ingressando nas atividades do comércio, estremeceria o equilíbrio familiar? E Alagoinhas, modernizava-se apenas em seus espaços urbanos, onde estavam as glorificações das ações das mulheres na política, no mercado, nas construções sociais?

Diante das problematizações, esse trabalho teve por objetivo traçar quais signos a mentalidade da “alta-roda social” masculina indicava aos gêneros, com base na investigação das primeiras edições do mensário *Unica*, cujo mote principal era inserir a capital soteropolitana

no rol das metrópoles que vivenciavam a “todo vapor” as transformações impostas pela ideia de progresso que envolvia o imaginário à época. Para tal, os editores do periódico, privilegiaram os aspectos culturais, reduzindo a dita cultura baiana a atividades do cotidiano das camadas altas e médias, silenciando as diversidades existentes no espaço, assim como demais atores sociais e as tensões próprias de qualquer agrupamento humano.

Para construir a fundamentação, observamos as representações visuais em torno do perfil idealizado para as mulheres da elite soteropolitana e alagoinhense. Dessa forma, foi possível compreender os aportes e hierarquizações de identidades defendidos por um extrato da população local, em contexto de embelezamento, urbanização e progressão latente no início do século. A partir do material encontrado, percebemos que a mulher da *Unica* enlaçava um ponto de convergência entre as alterações e aspirações da beleza urbana com as características do estereótipo do “sexo frágil”, mantida ao lado como suporte e “enfeite” dos grandes nomes da política e “alta roda” local, sobretudo, em Alagoinhas, em contraposição a concepção de mulher moderna que poderiam “se movimentar para além das paredes dos seus lares”.

No impresso extraordinário, encomendado pelos setores dirigentes e comerciais do município de Alagoinhas, a “venda de imagem” da cidade estava relacionada ao que se queria mostrar/evidenciar do seu progresso, ao passo que, notadamente, buscaram naturalizar o *status quo* vigente. Desta forma, constituía-se uma mentalidade enraizada ao pertencimento de um mundo moderno e com códigos do que se considerava civilizado no contexto, apto para governar e administrar a urbe. Tais destaques, são implícitos nos discursos políticos descritos através da edição e nas “legendas” das fontes iconográficas que revelam a modelagem social “perfeita”. Dentro do cenário descrito, percebemos o silenciamento, os registros não evidenciados, as não aparições dos comportamentos e fragmentos das camadas populares e suas culturas, saberes e aspirações.

Através da investigação realizada no magazine foi possível observar a dinâmica entre os administradores locais com os dirigentes da capital soteropolitana, e como a imprensa propagandeava suas trocas, na tentativa de fortalecer os vínculos entre os pares. Além de indicar as oposições existentes nos papéis designados aos gêneros e como eles se alteravam dentro dos espaços. Tal exercício, cria possibilidades de novas pesquisas sobre a imprensa baiana, a história da mulher e de gênero, utilizando como fonte a revista *Unica*.

Cabe destacar ainda que, embora não tenhamos encontrado fontes que evidenciassem as negociações entre os editores da revista e os segmentos locais que encomendaram a edição extraordinária dedicada a cidade de Alagoinhas, é preciso ponderar que o que foi publicado foi resultado da interação de interesses dos envolvidos. As diferenças entre as edições podem,

inclusive, ser resultado desta possível negociação. O que foi publicado foi resultado das inclinações dos editores, considerando o perfil da revista e dos cidadãos, considerando seus propósitos e aspirações.

## FONTES

*Unica*. Mensário Ilustrado, Número 1. Ano I. Bahia, jul. – 1929 (Arquivo pessoal – digitalizado).

*Unica*. Mensário Ilustrado, Número 2. Ano I. Bahia, ago. – 1929 (Arquivo pessoal – digitalizado).

*Unica*. Mensário Ilustrado, Número 3. Ano I. Bahia, set. – 1929 (Arquivo pessoal – digitalizado).

*Unica*. Mensário Ilustrado, Número 4. Ano I. Bahia, out. – 1929 (Arquivo pessoal – digitalizado).

*Unica*. Mensário Ilustrado, Número 5. Ano I. Bahia, nov. – 1929 (Arquivo pessoal – digitalizado).

*Unica*. Mensário Ilustrado, Número 6. Ano I. Bahia, dez. – 1929 (Arquivo pessoal – digitalizado).

*Unica*. Mensário Ilustrado, Número 7. Ano I. Bahia, dez. – 1929 (Arquivo pessoal – digitalizado).

*Unica*. Mensário Ilustrado, Número extraordinário. Ano 1. Bahia, 15 out - 1929. – (Arquivo pessoal – digitalizado).

*Unica*. Mensário Ilustrado, ano 1949, edição 0003 – Disponível em: Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional (BNDigital) <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em: 23 de out. 2024.

*Unica*. Mensário Ilustrado, ano 1949, edição 0005 – Disponível em: Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional (BNDigital) <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em: 23 de out. 2024.

*Unica*. Mensário Ilustrado, ano 1949, edição 0009 – Disponível em: Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional (BNDigital) <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em: 23 de out. 2024.

*Unica*. Mensário Ilustrado, ano 1950, edição 0001 – Disponível em: Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional (BNDigital) <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acesso em: 23 de out. 2024.

## SITES

CADENA, Nelson. **Revista Unica**. Correio: o que a Bahia quer saber. 27 Ago. 2020. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/revista-unica/>. Acesso em 23 nov. 2021.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Paulo Gabriel. Gênero, Moda e Fotografia: retratos da elite porto-alegrense (1889-1914). **Dissertação de mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 2020.

AMARAL, Marivaldo Cruz. Mulheres, imprensa e higiene: a medicalização do parto na Bahia. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.15, n.4, out.-dez. 2008.

ANDRZEJEWSKI, Luciana. A moda como História. **Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo**, nº 53, abr. 2012.

AREND, Silvia Fávero. Meninas: Trabalho, escola e lazer. PINSKY, Carla; PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova História das mulheres no Brasil**. Contexto: São Paulo, 2012.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização Material, Economia e Capitalismo - Séculos XV-X- VIII: As Estruturas do Cotidiano**. Volume 1. São Paulo: editora Martins Fontes, 2005.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: Edusc, 2004.

CARLONI, Karla. “Requebrando os quadris”: o jazz e transgressão feminina nas revistas ilustradas cariocas da década de 1920. **Locus: Revista de História**, Juiz de Fora, v.25, n.2, p.79-99, 2019.

CERAVOLO, Suely Moraes. EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS PARA AS “SENHORAS E SENHORITAS” DA SOCIEDADE BAIANA: o discurso performativo do Instituto Feminino da Bahia (1920 a 1968). **Anais eletrônicos: V Congresso Sergipano de História e V Encontro Estadual de História da ANPUH/SE**. 2016

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, p. 173-191, 1991.

DEBOM, Paulo. A Moda e o vestuário como objetos de estudo na História. **Ensinarmode**, Vol. 3, n. 3, p.013 - 026, 2594-4630, Florianópolis, out. 2019 - jan. 2020.

FACINA, Adriana; SOIHET, Rachel. Gênero e memória: algumas reflexões. **Revista Gênero**, Niterói, v. 5, n. 1, 2004.

FERREIRA, Laís Mônica R. Educação e Assistência Social: as estratégias de inserção da Ação Integralista Brasileira nas camadas populares da Bahia em *O Imparcial* (1933-1937). **Dissertação de mestrado – UFBA**. Salvador, 2006.

FERREIRA, Laís Mônica R. **Integralismo na Bahia: Gênero, Educação e Assistência Social em *O Imparcial* 1933-1937**. EDUFBA, Salvador, 2009.

FREIRE, Maria Martha de Luna. Mulheres, Mães e Médicos: Discurso maternalista em revistas femininas (Rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920). **Tese (doutorado) – Casa de Oswaldo Cruz**, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2006.

GIL, Natália. Analfabetismo da população brasileira nas análises de Giorgio Mortara sobre o censo de 1940. **Revista Brasileira de Estudos de População**. v.39, 1-15, e0213, 2022.

HEILBORN, Maria Luiza; RODRIGUES, Carla. Gênero: breve história de um conceito. **APRENDER – Cad. de Filosofia e Psic. da Educação**, Vitória da Conquista, Ano XII n. 20 p. 9-21 jul./dez.2018.

LIMA, Keite Maria S. do Nascimento. Entre a Ferrovia e o Comércio: Urbanização e Vida Urbana em Alagoinhas (1868-1929). **Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia**, Salvador, 2010.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. PINSKY, Carla Bassanezi (Org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. **Anais do Museu Paulista**. v. 13. n.1. Jan.- Jun. 2005.

MEDEIROS, Hugo A. V. Melindrosas e almofadinhas: relações de gênero no Recife dos anos 1920. **Revista do programa de Pós-graduação em História**. Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 93 – 120, jul. - dez. 2010.

NASCIMENTO, Alcileide Cabral; MELO, Alexandre Vieira da Silva. Melindrosas em revista: Gênero e sociabilidades do início do século XX (Recife, 1919-1929). **História Revista**, ISSN- e 1984-4530, ISSN 1414-6312, vol. 19, nº. 3, 2014

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: Operários, mulheres e prisioneiros**. 1. ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017 (recurso digital).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cultura e Representações, uma trajetória. **Anos 90**, Porto Alegre, v.13, n. 23/24, jan. - dez. 2006.

PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de Gênero e História Social. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 17(1): 296, jan.- abr. 2009.

SANTOS, Henrique Sena; CIDREIRA, Renata Pitombo. Jornalismo de moda e visualidades femininas nas revistas ilustradas de Salvador no início do século XX. **dObra[s]: revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, ISSN 1982-0313, ISSN-e 2358-0003, vol. 14, Nº. 29, 2020.

SANTOS, Karla Di Giocomo D. O; GHIRARDELLO, Nilson. Um habitar “moderno” para as cidades interioranas do Brasil: O Bangalô. **IV enanparq**, Porto Alegre, 2016.

SCOTT, Ana Silvia. O Caleidoscópio dos arranjos familiares. PINSKY, Carla; PEDRO, Joana Maria (org.) **Nova História das mulheres no Brasil**. Contexto: São Paulo, 2012.

SCOTT, Joan Wallach; LOURO, Guacira Lopes; SILVA, Tomaz Tadeu da. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. **Educação & realidade**. Porto Alegre. Vol. 20, n. 2 jul.-dez. 1995.

SERPA, Leoní Teresinha V. A máscara da modernidade: a mulher na revista O Cruzeiro (1928-1945). **Dissertação (mestrado) – Universidade de Passo Fundo**, 2003.

SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho; BARROS, Neide Célia Ferreira Barros. As propagandas da Revista Feminina (1914-1936): A invenção do mito da beleza. **Oficina do Historiador**, Porto Alegre, EDIPUCRS, v.7, n.1, jan. - jun. 2014.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. **Revista Brasileira de História** 27 (54). Dez, 2007.